

A

# Poética

## DA RUA

Centro de Pesquisa para o  
Teatro de Rua Rubens Brito




**AQUI NÃO,  
SENHOR PATRÃO!**







A black and white photograph of a banner or sign. The banner is made of a light-colored material, possibly fabric or paper, and features a decorative border with a repeating pattern of small, stylized figures or motifs. The text on the banner is written in a large, bold, serif font. The text is arranged in several lines, with some words appearing to be part of a larger, partially obscured title. The banner is hanging from a dark, vertical support on the left side. The background is dark and out of focus.

Centro de  
Pesquisa  
para o  
Teatro  
de Rua

Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito

A  
*Poética*  
DA RUA



:: 2012/2013 ::

**A Poética da Rua**  
**Caderno 4 :: 2012/2013**

**Publicação**

Núcleo Pavanelli  
Centro de Pesquisa Para o Teatro de Rua Rubens Brito.

**Coordenação Geral/Edição**

Marcos Pavanelli e Simone Brites Pavanelli.

**Conselho Editorial**

Beatriz Barros, Cristiane Accica, Marcos Pavanelli,  
Sabrina Motta, Simone Brites Pavanelli.

**Projeto Gráfico/Diagramação**

Maurício Santana.

**Registro Fotográfico**

Núcleo Pavanelli e Colaboradores.

**Foto / Imagem capa**

Abrigo de parada de ônibus no bairro da Aclimação.  
Anônimos.

**Textos**

Alexandre Mate, Amir Haddad, Beatriz Barros, Cristiano  
Pena, Giancarlo Carlomagno, João Herculano,  
Juninho Cendro, Lindemberg Bezerra, Luiz Rosa, Marcos  
Pavanelli, Rosa Rasuck, Sabrina Motta, Simone Brites  
Pavanelli, Suani Correia e Vitor Pordeus.

**Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo**

**Atores:** Beatriz Barros, Marcelo Royá, Marcos Pavanelli,  
Mizael Alves, Sabrina Motta, Sidney Herzog, Simone  
Brites Pavanelli e Tiago Cintra

**Direção e técnicas circenses:** Marcos Pavanelli

**Dramaturgia:** Simone Brites Pavanelli

**Orientação em dramaturgia:** Calixto de Inhamuns

**Direção musical:** Charles Raszl

**Projeto de Sonorização:** Otávio Correia

**Produção:** Cristiane Accica e Simone Brites Pavanelli

**Tiragem**

1.000 exemplares.

**Gráfica**

Bartira.

**Papel**

Couchê Fosco.

**Impressão**

março/ 2013.

A Poética da Rua/ Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e  
Circo n. 4 (2013) - São Paulo

Anual

ISSN: 2317-1383

## SUMÁRIO

Senhoras e Senhores .....	09
O aprendizado teatral da rua: Sabrina e Beatriz .....	10
Sobre o grupo e a circulação do Aqui não, Senhor Patrão! .....	13
A organização do Núcleo Paulistano de Pesquisadores de Teatro de Rua .....	16
Carta RBTR ao Governo Federal .....	19
No final, é sempre no nosso que arde .....	20
Políticas Públicas, já: um balanço .....	23
Dia Internacional do Teatro .....	29
Cenopoética, uma vivência .....	30
Agenda .....	32
CICAS: a luta para compartilhar sua verdade .....	33
Os indígenas lutam para existir .....	35
Bainawá e o teatro da floresta .....	42
Moção de repúdio dos trabalhadores da cultura à política do coturno em Pinheirinho .....	46
Manifesto Unificado de apoio à luta do Assentamento Milton Santos .....	48
Artes Públicas, Ano Zero .....	50
Sem Culto à culpa Ocupa DioNise .....	54
Carta de João Pessoa .....	59
Breviário: Mostras, Encontros e Festivais em 2012 .....	62
Estreias .....	67
Agradecimentos .....	74

Núcleo Pavanelli



teatro de rua e circo



## APRESENTAÇÃO

Senhoras e Senhores!

Respeitável Público!

Apresentamos a quarta edição da revista *A Poética da Rua*, publicação que é uma das ações do projeto *Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito*, contemplado pela lei municipal de fomento ao teatro para a cidade de São Paulo, na 20ª edição.

O *Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito* é um polo de formação e estímulo para o teatro de rua a partir das ações do *Núcleo Pavanelli*, cuja prática associa estética e conteúdo.

Em 2012, realizamos ações de continuidade do trabalho que se desenvolve desde 2007 e que reúne:

- a circulação dos espetáculos
- a Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte/SP
- o Seminário Nacional de Dramaturgia
- as oficinas práticas e a pesquisa do grupo

Nas edições anteriores de *A Poética da Rua* percebemos que poderíamos utilizar este espaço e contribuir para registrar não só as nossas ações, mas fazer um panorama geral do que aconteceu no ano corrente e apontar as lutas e conquistas dos movimentos teatrais.

Assim sendo, esperamos que os grupos de teatro se reconheçam nesta publicação e que ela seja um importante documento histórico a ser consultado pelas gerações futuras.

*Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo*

## SABRINA E BEATRIZ: O APRENDIZADO TEATRAL DA RUA

Sempre pensamos o Núcleo Pavanelli como uma escola, da mesma maneira como todos os grupos de teatro que têm uma pesquisa de continuidade e se organizam coletivamente. Por isso, em 2006, começamos em Santos com o Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua e, em 2007, viemos pra São Paulo com esse projeto que tem como principal foco a formação artística, social e política dos atores do grupo e quem mais quiser entrar na dança.

Com isso, muitos artistas já passaram pelo grupo e pelo *CPTR*. Alguns passaram e outros acabaram encontrando aqui uma grande identificação que os fez ficar! Sabrina Motta e Beatriz Barros ficaram! A seguir, dois textos que trazem suas reflexões sobre o grupo e sobre a circulação do espetáculo *Aqui não, Senhor Patrão!*

**Simone Brites Pavanelli**

ACONTECEU



Foto de João dos Santos

Apresentação *Aqui não, Senhor Patrão!* - Praça da República (2012).

*“Essa guerra não pode terminar  
Enquanto houver tesão pelo terror  
Enquanto prevalecer embustes contra o amor  
Enquanto houver monólogo  
Enquanto o prólogo for falso  
Enquanto a palavra ficar no cadafalso  
Enquanto a mídia for deus  
Enquanto deus for só por nós  
Enquanto deus não for deus  
Enquanto nós não formos realmente nós  
Enquanto o homem agir de má fé  
Enquanto hitleres, bushes, bins e saddans no mundo houver  
Enquanto a vida for pó  
Enquanto a paz se confundir com lodo, lucro  
Enquanto os fins do imperador  
Justificarem o fim de todos.”*

**Ray Lima**

## **TUDO QUE NOS SURPREENDE EM CENA VEM DA RUA**

Conheci o Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo em 7 de março de 2012, através de um amigo e parceiro de cena Alexandre Falcão (Coletivo ALMA) que estava em contato com Simone Pavanelli e me apresentou para o grupo. Entrei na manhã para sentir que pito aquele coletivo tocava e fui convidada a participar como atriz do espetáculo *“Aqui não, senhor patrão!”*, além, claro, de participar das oficinas de música e circo que teriam. Nos dias que se passaram, não entendendo muito bem como era o esquema de “convidada”, falando bem a modo popular, cheguei metendo o pé na porta e tomando aquele espaço como meu. Afinal, minha grande questão e, naturalmente, minha pesquisa artística há oito anos, desde que me iniciei nesse delicado e delicioso caminho do teatro, têm sido compreender como estar numa peça, entendendo a peça também como a pesquisa, a convivência e, mais do que qualquer outra coisa, o coletivo.

E foi nessa pesquisa pessoal que comecei a me dedicar à pesquisa daquele grupo. Vindo de uma formação voltada para o texto, o espaço fechado e o coletivo e colaborativo em prol de uma formação artística dentro de uma Escola, posso dizer que tive que rever muitos conceitos e certezas que eu tinha para entender a pesquisa da rua e do circo. Nessa fala, não intenciono desprezar a formação que tive, até porque muitas das lutas que temos na rua hoje, eu também tive dentro daquele espaço fechado conhecido como a Escola Livre de Teatro de Santo André. Muitas das discussões de coletivo que temos hoje, eu também tive ao longo dos quatro anos de formação com 27 pessoas compondo uma turma.



Foto de João dos Santos  
Apresentação *Aqui não, Senhor Patrão!*  
Praça da República (2012).

Muitos dos exercícios e experimentações passados por diversos mestres que tive lá dentro, entre eles Alexandre Mate e Edgar Castro, hoje uso na rua e vejo amadurecer e potencializar mais o trabalho. Mas não posso deixar de observar que mesmo com toda a formação do mundo que um artista possa ter, a rua sempre vai surpreender. É impossível ou, no mínimo, muito distante se formar na rua, achar que encontrou um método para fazer teatro ou sair de uma praça sentindo que alcançou um objetivo. E isso tudo é o que me atrai, porque coloca a gente em estado de atenção para qualquer coisa muito inesperada que possa vir a acontecer no momento da apresentação, antes dela, ou depois: seja outro coletivo, que já esteja ocupando a praça; ou um cachorro que não abandona a cena nem por um pedaço de carne; ou um morador de rua que passa a ser o maestro do espetáculo e o termômetro que nos diz se a peça está quente, ou morna ou já esfriou tanto, que a roda está se dispersando; ou a feirante que se incomoda com o barulho da praça e nos impede de fazer o nosso trabalho porque senão impedimos que ela trabalhe. Ou as milhares de possibilidades que a rua nos entrega e o que nos resta é dançar com isso, é se entregar de corpo e voz, porque a alma ali tem que estar bem resguardada, porque é a última coisa que resta depois de uma apresentação.

Os estudos e trabalhos práticos de circo teatro com Fernando Neves nos fizeram descobrir nossos tipos cênicos e esclareceram a forma de cada um organizar seu trabalho na cena. As vivências cenopoéticas com Junio Santos e Ray Lima provocaram o jogo, a música, o improviso, o momento presente. E tudo isso junto com o circo, a música, o ator, o palhaço, a lona, o asfalto, deixa o nosso trabalho cada vez mais rico e, particularmente, me deixa cada vez mais feliz de fazer parte de tudo isso com toda essa gente.

Rumo aos sete meses nesse coletivo, posso dizer que estar em cena com Beatriz Afonso, Mizaél Alves, Marcos Pavanelli, Sidney Herzog, Simone Pavanelli e Tiago Cintra, acompanhados de perto por Charles Raszl e Calixto de Inhamums, tem sido algo que em poucas palavras me faz acordar todos os dias pronta para estar novamente com eles. E não é romantismo, não. É simplesmente pelo fato de vislumbrar ainda muito trabalho a ser feito, muitos olhos e ouvidos a serem alcançados, muitas trocas a espera de nós, muitas praças, ruas, galpões, sacolões, muita gente, muita vida, muita gente envolvida e muito envolvimento fazendo muitos ossos sacolejarem por aí.



Apresentações *Pinta de palhaço*, *O Básico do Circo* e *Aqui não, Senhor Patrão!*

**Em 2012 circulamos pelas cinco regiões da cidade de São Paulo com os espetáculos *Pinta de Palhaço*, *O Básico do Circo* e *Aqui não, Senhor Patrão!* Aprendemos mais, nos divertimos mais, nos sensibilizamos mais e, em 2013, tem mais!**

## CIRCULANDO, RODANDO E NOS RENOVANDO

*“Nada se compara ao sistema  
Que separa a casca da entre casca, a clara da gema.”*

**Ray Lima**

Escrever sobre a circulação do espetáculo *Aqui não Senhor Patrão* no ano de 2012, está longe de ser uma atividade fácil. Pensando principalmente no que diz respeito à minha figura dentro do grupo, uma nova integrante. No entanto, apesar de inexperiente quanto à vivência da trajetória do grupo, tentarei ser o mais fidedigna possível em relação ao que passamos, vimos e vivenciamos nesse período, considerando é claro os aspectos da experimentação, da entrega e da militância do grupo.

Esta nova fase de circulação do espetáculo foi uma etapa de atividades intensas em que paramos para refletir sobre aspectos muito relevantes. Deparamo-nos cada vez mais com um público que tem voz e quer falar, protestar e principalmente ser ouvido. Não quer mais ser passivo, ao contrário, se sente provocado a interferir e se posicionar.

Assim como a questão do espaço, ocupar a rua é uma ação política, é se apropriar do espaço público e fazer dele um canal de reflexão, troca e militância. Por isso é importante que o espetáculo esteja sempre aberto e sensível às transformações. De forma contrária teríamos uma forma e um discurso cristalizados, o oposto do que buscamos em uma construção dialética.

Durante esse processo constante de criação, o grupo também passa por transformações gradativas, fortalecendo as relações pessoais e ideológicas. Hoje, temos muito mais domínio e propriedade do que estamos fazendo, “resistência às formas de exploração do homem pelo homem e a propriedade privada”.

Esta circulação potencializou o olhar crítico fortalecendo a consciência cada vez mais clara de que a luta e a resistência continuam existindo e que são cada vez mais necessárias. A exclusão cultural é só mais uma forma de dominação do capital.

Estes pontos de vista que levanto de forma tão pessoal e sucinta são somente alguns dos aspectos com os quais o grupo se deparou nesse processo de trabalho como observei no início da reflexão. Sabemos que este espetáculo, assim como as greves da classe trabalhadora, não mudará o sistema e muito menos o mundo, mas, acreditamos que é um primeiro passo importantíssimo que já passou da hora de ser dado.

*“Trabalhadores, está na hora de perder a paciência!”*

**Beatriz Barros**

Foto de João dos Santos



Apresentação *Aqui não, Senhor Patrão!* - Praça da República (2012).

ACONTECEU

Foto de João dos Santos



Apresentação *Aqui não, Senhor Patrão!* - Praça da República (2012).

## A ORGANIZAÇÃO DO NÚCLEO PAULISTANO DE PESQUISADORES DE TEATRO DE RUA<sup>1</sup>

Alexandre Mate<sup>2</sup>

[...] *Os meus músculos são poucos/ Pra essa rede de intrigas/  
Meus gritos afro-latinos/ Implodem, rasgam, esganam/  
E nos meus dedos doídos/ A lua das unhas ganem [...]*

**E daí?**

de Milton Nascimento e Ruy Guerra

Antes de existir o teatro, evidentemente, já existia a representação. Até hoje, por permanência daquilo que se costuma chamar de traço atávico (de origem), três ou mais pessoas gozadoras, quando se encontram, precisam descobrir rapidinho um parceiro ou sistema de parceria para, de modo cúmplice, gozarem as pessoas que ficaram “desamparadamente sozinhas”. Ao proceder desse modo, safa-se a pessoa de ser, ela mesma, o alvo da gozação de qualquer conjunto de sujeitos, e não importa que tamanho ele tenha. Até mesmo entre crianças, ser alvo do riso e da chacota dos outros - sem saber o motivo ou pela exposição de características de fragilidade - tende a fazer com que a “dor seja mais intensa” do que aquela que venha por outros expedientes.

O povo - pelos permanentes processos de exploração - sempre soube que o riso é um excelente castigador dos costumes (*ridendo castigat mores*), de que, em determinadas situações se pode lançar mão, enquanto “desprotegido”. Desse modo, e na condição de estratégia tática, pode-se afirmar tranquilamente que os artistas populares sempre elegeram na condição de alvo de gozação (ou de personagem com função protagônica para as pancadarias), os senhores, os patrões, os políticos, os poderosos de qualquer natureza e tempo<sup>3</sup>. Na arena da rua, em sendo o ponto de vista popular, o bandido, o patético, o grotesco, o coitadinho vêm sempre como representantes dos agrupamentos ou das classes dominantes, sobretudo a figura do patrão e do chefe.

Apesar de a representação ter sempre existido, considera-se como a origem do teatro mundial - decorrente de rituais em homenagem, principalmente a dois deuses ambivalentes: Dioniso e Apolo - aquela desenvolvida principalmente no século V a.C. durante o período designado Antiguidade Clássica. Fundamentado no sistema de representação e organizado a partir de rígida estrutura formal, conciliando a mimese (imitação do sujeito-objeto imitado) e a diégesse (narração), a representação (re)surge a partir de gêneros distintos e majoritários: a tragédia e a comédia.

<sup>1</sup>Para os interessados, consultar, entre outros, por Alexandre Mate: “A organização do Núcleo Nacional de Pesquisadores de Teatro de Rua”, publicado no jornal da Trupe Artemanha de Investigação Teatral (SP): *Revelando Artemanhas*, 31 de julho de 2010. “Primeiro fórum de teatro de rua do Núcleo Regional de Pesquisadores”, publicado no jornal do Buraco d’Oráculo (SP): *A Gargalhada*, set./ 2010.

<sup>2</sup>Professor da graduação e da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador de teatro e militante do teatro de rua na cidade de São Paulo.

<sup>3</sup>Há excelentes publicações sobre o assunto, dentre as mais interessantes consultar: Robert Darnton. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.



A tragédia foi enaltecida, naquele momento histórico, como o gênero digno dos deuses e heróis; em oposição, a comédia (mesmo escrita a partir do ponto de vista do sistema de castas do período) foi definida como digna dos homens. No reaparecimento da representação de modo estetizado, a comédia sai em desvantagem à tragédia, tida como superior. Para seguir para o próximo assunto, basta destacar que o gênero popular de representação (claro, fundamentado na exposição e execração pela risibilidade aos poderosos), e chamado então de mimo, não teve registro documental pelos gregos da Antiguidade. O povo, pela ótica dos poderosos da vez, não sabiam lidar com as coisas do espírito, então, suas obras não foram dignas de registrar, em oposição àquela dita superior, os modos de ver e de conceber o mundo e as relações sociais.

Apesar de não figurar na memória documental de uma época, a cultura popular resistiu, permaneceu e chegou até nós. Aliás, e agora bem mais próximo ao assunto em pauta, antes de a representação ir para as construções especialmente erigidas para abrigar as representações, ela já estava presente nos espaços públicos. Se no edifício, batizado teatro em grego (ou lugar de onde se vai ver, no caso a plateia), em qualquer espaço público de representação, mais que apenas a cena enquadrada em uma “caixa”, pode-se, em 360°, ver aspectos de toda a cidade e de seus transeuntes. De outra forma, não se vê a obra apartada da vida comunal, mas a cena inserida, de modos distintos, presentificados no cotidiano de todos os sujeitos. Ao intervir na “paisagem em movimento” pode-se apreender, efetivamente, de que modo a obra pode intervir, também, nas relações sociais: bela e significativa diferença esta.

Os povos aborígenes, na originalmente chamada Terra de Santa Cruz, praticavam seus ritos em homenagem aos elementos da natureza. Tais ritos, por diversos expedientes, deixaram de ser praticados para em seu lugar se louvar outro deus e seus séquitos de porta-vozes. A documentação sobre as práticas representacionais das ruas, desde a invasão pelos portugueses (e tantos outros povos), também não figuram da documentação oficial. A partir dos diários de viagens dos visitantes estrangeiros, a partir do século XVII se passou a ter alguma informação sobre a atividade teatral desenvolvida a céu aberto em terras brasileiras.

Conscientes desse crime cultural com a memória de tanta gente, várias tentativas de registro têm sido desenvolvidas. Na área teatral, basicamente as panorâmicas de que se dispõe, com raras exceções, não mencionam as práticas populares. De qualquer modo, em imenso recorte histórico temporal, no século XXI, em plena e bela Angra dos Reis, convidados por Jussara Trindade e Licko Turle a participar da 14ª edição do *Encontro Nacional de Teatro de Rua de Angra dos Reis*, em maio de 2009, acontece uma primeira reunião para a criação de um núcleo nacional de pesquisadores de teatro de rua<sup>4</sup>. De lá para cá, pelo menos na cidade de São Paulo, em meio a tanta tarefa e ações de toda natureza, assumido o compromisso selado naquela ocasião temos conseguido realizar a lição de casa a que havíamos nos proposto.

Diretamente ligado ao Instituto de Artes da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) - no qual sou professor -, e em boa parte das vezes, com ações coletivas e intercambiadas, se desenvolve, na cidade e fora dela, um intenso processo de trabalho e de pesquisa. Do conjunto de ações, merecem destaques mais pontuais:

**Dissertações de mestrado:** de Adailton Alves Teixeira: *Identidade e Território como Norte do Processo de Criação Teatral de Rua: Buraco d’Oráculo e Pombas Urbanas nos Limites da Zona Leste da Cidade de São Paulo*; Alexandre Falcão de Araújo: *A Produção Teatral do Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes e do Grupo Aliança Libertária Meio Ambiente (ALMA)*, cuja defesa deve ocorrer no primeiro semestre de 2013.

<sup>4</sup> Há excelentes publicações sobre o assunto, dentre as mais interessantes consultar: Robert Darnton. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):** João Paulo Caetano Alves: *Apontamentos Sobre o Teatro Épico: O Trabalho da Brava Cia.* (2010); Daniela Giampietro Szot: *De Cangaíba a Brecht: Caminhos e Desvios de um Coletivo em Formação* (2011) - reflexão sobre a Companhia Estável (SP); Isabela Penov Pamplona Puget: *Análise das Críticas de Teatro de Rua Apresentadas na Revista “Arte e Resistência nas Ruas”* (2012) - sobre críticas a espetáculos de rua da Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas.

**Pesquisa desenvolvida por estudantes de quarto ano do curso de Licenciatura em Artes - Teatro, cujos grupos foram:** Capulanas - Companhia de Artes Negras (SP), Club Noir (SP), Companhia Baitaclã de Teatro (SP), Companhia da Revista (SP), Companhia dos Atores (RJ), Companhia do Tijolo (SP), Companhia Estável (SP), Companhia Livre (SP), Companhia Hiato (SP), Companhia São Jorge de Variedade (SP), Companhia Teatro Documentário (SP), Engenho Teatral (SP), Grupo de Teatro Clariô (Taboão da Serra/ SP), Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (Natal/ RN), Grupo de Teatro - Imaginário (Porto Velho/ RO), Grupo de Teatro Loucas de Pedra Lilás (Recife/ PE), Companhia de Teatro Ventoforte (SP), Grupo Galpão (Belo Horizonte/ MG), Grupo Teatral Lume (Campinas/ SP), Grupo Teatral Montara (RJ), Máskara - Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Teatro, Dança e Performance (Goiânia/ GO), Ói Nóis Aqui Traveiz (Porto Alegre/ RS), Teatro da Vertigem (SP), Teatro de Narradores (SP)<sup>5</sup>.

**Registro crítico de espetáculos de rua apresentados na Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas** (SP) e dos espetáculos apresentados na Mostra de Teatro de Rua Olho da Rua (Santos-SP). Por intermédio das duas ações e de publicações específicas, os 50 estudantes, pesquisadores e artistas (sem se considerar as matérias inseridas na *Arte e Resistência na Rua # 4*, basicamente pronta), já produziram o surpreendente número de 120 leituras críticas de espetáculo de rua!

Por último, tendo em vista o espaço para este texto, há um grupo de pesquisa permanente, composto por mais de 100 pessoas (representando mais de 20 grupos de teatro de rua, de São Paulo, grande São Paulo, Guarulhos, Osasco, Santos e Sorocaba), sediado no Instituto de Artes, que desde 2010 reúne-se pelo menos uma vez por mês para refletir e aprofundar algumas das questões ligadas ao ofício e aos expedientes do teatro de rua<sup>6</sup>. Além disso, e sempre com espírito de camaradagem, preparamos encontros, fóruns, debates, escrevemos, editamos...

O teatro de rua atualmente em São Paulo tem grande visibilidade, mas, é sempre importante lembrar, isso é fruto de muita luta e consciência. Depois de “séculos de espera”, espetáculos de rua hoje são selecionados por meio de editais públicos, nas esferas municipal, estadual e nacional; a categoria é indicada a prêmios, por exemplo, o *Prêmio Cooperativa Paulista de Teatro*; participam de festivais com destaque: aliás, há alguns festivais e mostras exclusivamente de rua na cidade e no Estado. Enfim, os fazedores de teatro de rua têm escrito histórias e se inserido na história da linguagem artística, da cidade, de eventos de mobilização. Se antes se idealizava o dia que chegaria, hoje, o porvir já chegou e inúmeros são os sujeitos a ocupar seus espaços: nas trajetórias pessoais, nas ruas, na memória histórico-cultural...

<sup>5</sup>Para acesso às pesquisas, acessar [www.teatrosemcortinas.ia.unesp.br](http://www.teatrosemcortinas.ia.unesp.br)

<sup>6</sup>Texto pormenorizado sobre esse “caminhar”, escrito por Alexandre Mate, pode ser consultado na revista *Arte e Resistência na Rua*, 4.

## Carta da Rede Brasileira de Teatro de Rua ao Governo Federal

A Rede Brasileira de Teatro de Rua – RBTR, reuniu-se nos dias 26 a 30 de janeiro de 2012, na 3ª Mostra de Teatro Olho da Rua em Santos – SP em seu X Encontro Nacional, tendo em vista sua luta por políticas públicas culturais com investimento direto do Estado, que garantam o direito a produção e ao acesso aos bens culturais a todos os brasileiros.

Considerando que nossa atividade artística, que compreendemos como Arte Pública e que vem sendo debatida, desenvolvida e defendida por todo o Brasil, por entidades, grupos, movimentos teatrais e artísticos organizados, não recebem deste atual governo o tratamento adequado e o interesse em fomentar este segmento artístico, que se coloca em oposição a política desenvolvida até o momento, que trata da cultura e da arte como mera mercadoria e que visa lucro e auto sustentabilidade baseado nas leis de mercado.

Considerando que a utilização da verba pública deve dar-se através do financiamento direto do Estado com regras claras e transparentes, com a participação da sociedade civil organizada e acreditando que o poder público não deve e nem pode abrir mão de suas responsabilidades para a manutenção e apoio das atividades artísticas populares, que não têm como premissa gerar lucro ou produzir mercadorias, exigimos o repasse imediato da verba federal destinada à cultura através dos editais lançados pelo Minc/ Funarte em 2011 (Myriam Muniz e Procultura).

Exigimos que os editais deste ano sejam lançados e executados no primeiro semestre de 2012 com maior aporte de verbas, liberadas sem atrasos, respeitando os prazos estipulados e a publicação da lista de projetos contemplados e suplentes, e a divulgação de parecer técnico de todos os projetos avaliados.

Exigimos que os editais sejam estruturados e divididos, pensando as realidades de cada estado, e que sejam criadas comissões igualmente regionalizadas e indicadas pelos movimentos, entidades e grupos artísticos organizados, bem como a criação de mecanismos de acompanhamento e assessoramento dos projetos selecionados.

Exigimos que as comissões de seleção dos projetos sejam formadas por pessoas ligadas a área cultural, indicadas por movimentos, entidades e grupos organizados, de todo o Brasil. E que esta lista seja divulgada antecipadamente e amplamente, para que os proponentes dos projetos inscritos nos editais votem nos nomes indicados.

Exigimos que todos os editais criados por esta entidade sejam transformados em lei, com financiamento direto do Estado através do Fundo Nacional de Cultura, garantindo assim sua manutenção e execução, independente do gestor público eleito.

Esta carta é assinada por:

Rede Brasileira de Teatro de Rua – RBTR

Cooperativa Paulista de Teatro

Movimento de Teatro de Rua de São Paulo

## NO FINAL, É SEMPRE NO NOSSO QUE ARDE

Luiz Rosa

*Circo Teatro Rosa dos Ventos (Presidente Prudente – SP)*

Foi numa sexta-feira, dia 16 de março de 2012. Nós, do *Rosa dos Ventos* (Presidente Prudente/SP), tivemos um encontro em Santos/SP com a galera do movimento teatral santista. E lá ouvimos o relato do também visitante Marcos Pavanelli (Núcleo Pavanelli/São Paulo) sobre a lei das artes de rua da capital paulista. Marcos falou das ambiguidades da lei e dos equívocos que acompanham sua discussão na cidade. Embarcando no que Marcos disse, lanço algumas questões que, espero, ajudem a situar o problema.

Foto de Celso Reeks.



Foto de Cristiane Accica.



Apresentação do espetáculo *O Básico do Circo* na "Maratona das Artes", em comemoração à fundação da Associação dos Artistas de Rua. Jan/2013

## REVITALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS ESCONDE GRANDES NEGÓCIOS

Nesses últimos tempos tem sido comum a repressão policial com expulsão, muitas vezes violenta, de artistas de rua das áreas centrais de muitas cidades brasileiras. Os relatos na *RBTR* são muitos e atestam isso. Ao mesmo tempo observamos o surgimento de decretos e leis municipais para regulamentar as artes de rua. Esse é o contexto geral. Essa repressão não é um fato comum a toda a cidade, mas apenas às suas áreas centrais, especialmente os centros antigos ou históricos, que são hoje muito populares e atraem artistas de rua que ali encontram público para desenvolver sua arte e sobreviver dela.

O que está por trás da repressão aos artistas de rua é a estratégia das elites de restabelecer esses espaços em seus circuitos de negócio. Espaços que no passado foram abandonados por elas e, agora, popularizados, para elas são "degradados".

O objetivo é o de sempre: a busca dos altos lucros imobiliários decorrentes: capital imobiliário abocanhando a gigantesca mais-valia urbana. Esse processo também contribui para a nova imagem-identidade da "cidade" que se quer projetar, vender para dentro e para fora (o mundo).

Na literatura de urbanistas, sociólogos e geógrafos todo esse processo é conhecido

como “gentrificação”, denominação cuja raiz da palavra inglesa – gentry – quer dizer: pequena nobreza, ou gente de boa família.

Promover a gentrificação de um espaço é retirar as camadas mais pobres de um espaço, destruindo seus lugares de moradia, consumo, lazer, trabalho, cultura etc., para dar lugar a chegada das pessoas mais “nobres” e suas atividades.

Para ocultar seu evidente caráter de classe, a criatividade de quem defende e propõe processos de gentrificação costuma decorar o discurso oficial com palavras e expressões como Planos de Revitalização, requalificação, reabilitação, revalorização, etc.

A gentrificação de áreas centrais de valor histórico e cultural é capítulo central da política urbana hegemônica e agora segue impulsionada por grandes obras e operações urbanas pagas com dinheiro público por ocasião da realização dos grandes eventos esportivos da Copa e Olimpíadas (Rio de Janeiro).

Frente à mobilização e à manifestação dos artistas de rua em escala nacional (como a desencadeada pela RBTR) e local contra a repressão das artes de rua, o poder público respondeu imediatamente com a perspectiva de elaboração de leis e decretos para regulamentar essas atividades no espaço urbano, novamente sob a argumentação de combater a (ideológica) “desordem urbana”. Ao poder público, essas leis e decretos servem antes para dizer que está tratando da questão, enquanto artistas de rua, ao lado de outros trabalhadores, continuam tendo seus direitos cerceados em espaços públicos. Ou seja, o poder público responde assim ao problema com uma ideia (leis e decretos) e não com uma ação concreta de garantia dos direitos civis, extensivamente violados nesses espaços.

É possível observar – e há juristas que dizem isso – que essas leis e decretos surgem para disciplinar o que em tese não deveria ser disciplinado, de vez que seu objeto não é mais que o exercício de um direito fundamental previsto na Constituição Federal e que, portanto, deveria ser compreendido em seu sentido ampliativo e não restritivo como aponta a elaboração dessas leis e decretos. Melhor dizendo, não há por que estabelecer regras e normas para o trabalho do artista de rua no espaço público quando sua atividade não ultrapassa o que é já reconhecido direito de todo cidadão. E é justamente isso que explica porque muitos artistas de rua conseguiram mandado de segurança assegurando seu direito de trabalho em espaço público.

O ponto é: o que deveria sim ser discutido abertamente com a sociedade para então ser objeto de Lei não o é, porque não é para ser orientado pelo interesse público: a referência aqui é a realização de eventos diversos (espetáculos comerciais, culturais, esportivos, religiosos etc.) que envolvem a instalação de mobiliário em espaço público com interdição parcial ou total de vias e uso de som em média ou alta potência. As autorizações para esses eventos são decisões pessoais de dirigentes públicos, portanto não obedecem a nenhum critério público, universal, predominando nesses casos os interesses privatistas e de marketing urbano associados.

Minha provocação é sobre o papel dessas leis e decretos como mecanismo de estímulo à arte pública em contexto de gentrificação. Que arte pública? Essa dimensão pode ser apreendida dessa política que tem no elemento cultural importante papel econômico e “civilizador”. Muitos grupos de teatro de rua e outros artistas podem se beneficiar da elitização e turistificação de espaços públicos de áreas centrais, fazendo parte de sua programação cultural, todavia em detrimento da presença (do direito) de muitos outros artistas populares não aí bem vindos por seus trajes, tipo de arte, relação com o público etc. Enfim, essas leis e decretos parecem indicar a estetização desses espaços e da arte pública neles realizada.

## Copa do Mundo: na defesa do hambúrguer, Fifa mostra cartão vermelho para acarajé

Uma ameaça escandalosa de gentrificação acontece na Bahia, onde a FIFA cogitou de impedir as tradicionais baianas vendedoras de acarajé de instalar seus tableiros, como faziam antes, no interior da Arena Fonte Nova, o estádio de futebol que está sendo totalmente reconstruído para receber em 2013 a Copa das Confederações e, em 2014, uma das chaves dos jogos da Copa do Mundo 2014.

Se valer o Regulamento Oficial da Copa, o torcedor que quiser degustar a iguaria baiana, uma das marcas mais fortes do turismo baiano, terá que caminhar pelo menos dois quilômetros do estádio. No estádio e seu entorno, por enquanto, só os intragáveis hamburguers McDonalds, marca que é uma das patrocinadoras oficiais da Copa.

A presidenta da Associação das Baianas de Acarajé e Vendedoras de Mingau (Abam) de Salvador liderou os protestos, que correram o mundo, obrigando a poderosa FIFA a um recuo estratégico. Através de um comunicado, a entidade mandou dizer que “discute com o Comitê Organizador Local para garantir que os interesses das vendedoras informais, que geralmente vendem o produto dentro do estádio e em seu entorno, sejam incorporados no planejamento do evento (Copa de 2014)”. Espera-se que o bom senso prevaleça e que as baianas, em troca da “incorporação no planejamento”, não sejam obrigadas a estampar em suas vistosas saias brancas, as logomarcas das marcas patrocinadoras. Como, aliás, já fazem os times de futebol com suas outrora imaculadas camisas.



Um ano depois, nosso grito é o mesmo:

## POLÍTICAS PÚBLICAS JÁ!

Marcos Pavanelli

Em 2011, a terceira edição de *A Poética da Rua* teve capa vermelha e uma chamada, que era quase um grito: “Políticas públicas já!”. Expusemos na ocasião alguns acontecimentos do ano, com destaque para a 2ª ocupação da sede da Funarte/SP, realizada em julho de 2011 pelo movimento de teatro de grupos e artistas da cidade de São Paulo. Os objetivos: sensibilizar o governo federal para o diálogo sobre o financiamento público direto para as artes e também fazer um balanço sobre as conquistas, avanços e mudanças depois de 10 anos de vigência da lei municipal de fomento ao teatro para a cidade de São Paulo.

Agora, em 2013, na 4ª edição, é lamentável constatar que a nossa capa poderia ser perfeitamente a mesma. Observando e avaliando os acontecimentos do ano que passou, vemos que nada mudou nos âmbitos municipal, estadual e federal na maior parte das cidades brasileiras. Nas poucas em que os avanços aconteceram, estes foram frutos de nossa militância e organização, como em São Paulo e Rio de Janeiro.

Por não sermos ingênuos, não esperávamos uma revolução, pois sabemos que é só com luta e militância, seja no Movimento de Teatro de Rua de São Paulo, no Movimento de Teatro de Grupos de São Paulo e na Rede Brasileira de Teatro de Rua, que abriremos o caminho que nos levará à conquista de políticas públicas para as “artes públicas”. Também temos a consciência de que esta é uma luta que passa pelo nosso apoio a outros coletivos e movimentos sociais, em gritas que também são nossas, de cidadãos e artistas que têm a consciência da classe a qual pertencem e que não acham normal ou natural a forma como o mundo está organizado.

Em São Paulo, vale reafirmar a importância da lei de fomento ao teatro como uma das



Capa de *A Poética das Ruas*, 3ª edição.

mais relevantes no panorama nacional, mas que ainda precisa ser revista. A questão do aumento da verba, para que possa atender mais grupos, é a tecla em que mais batemos, pois, segundo as próprias comissões julgadoras escolhidas e indicadas pela sociedade civil, o número de projetos que tem mérito para ser selecionado é sempre superior aos que são contemplados.

Em 2012 não aconteceu nenhuma mudança significativa nesse cenário e a nossa expectativa é de que com a mudança de governo, e de secretário de cultura, seja possível retomar o diálogo para fazer valer as promessas de que toda a cidade seja atendida. De preferência, por meio de ações descentralizadas. Mas como sabemos bem como a banda toca, estamos atentos. Olho vivo, faro fino e pressão!

No Governo do estado de São Paulo foi anunciado um aumento no valor destinado aos projetos financiados pelo PROAC-ICMS, que é um mecanismo da renúncia fiscal, quatro vezes e meia superior ao valor destinado aos projetos financiados diretamente pelo Estado. Essa atitude deixa bem clara a posição deste governo em transferir para a iniciativa privada e para o mercado, o que deveria ser sua responsabilidade. E isso vem se repetindo em outras áreas como habitação, transporte, educação e saúde.

Essa transferência de responsabilidade, no nosso caso, aponta para a manutenção de uma política privatizadora que privilegia a indústria cultural e projetos que, salvo algumas poucas exceções, não pensam a arte, a cultura e o teatro como função social.

Ainda no âmbito federal, a lei Rouanet, que é a mãe da renúncia fiscal, criada no governo Sarney e aperfeiçoada no governo Collor, continua firme e forte financiando produtos culturais como o globalizado *Cirque Du Soleil*, e outros musicais importados e pré-fabricados que seguem a mesma linha da “arte mercadoria”.

Também na esfera Federal do poder público, a situação continua inalterada. Só se discute, ou se discutia o tal do Pro cultura, que é outro engodo para nós que estamos fora do dito mercado cultural.

### Rio Grande do Sul

Giancarlo Carlomagno é ator do grupo “Oigalê” do Rio Grande do Sul. Ele nos conta que lá não existe nenhum edital ou lei específica para teatro de rua, mas sim uma lei de Incentivo à Cultura, denominada Sistema LIC que, segundo ele, pouco ajuda ou contempla projetos de teatro de rua. Além disso, foi criado nos últimos anos, através do pró-cultura RS, um Fundo de Apoio à Cultura (FAC), que funciona através de edital público para projetos de menor valor. Carlomagno relata sua vivência em Porto Alegre:

Em outras épocas, Porto Alegre respirava mais teatro de rua, pois tínhamos, além da ação direta dos grupos, um projeto - que à época funcionava muito bem - chamado “Descentralização da Cultura”. Hoje em dia, são 17 regiões descentralizadas de nossa cidade que recebem oficinas e atividades artísticas culturais. Muito modestamente, mas ainda existe.

O pior de tudo: não sabemos por qual razão foi colocado “estrategicamente” nesse lodaçal o único projeto construído nacionalmente em que se vislumbrava algo mais próximo do que seria um arremedo de política cultural para uma arte que não visa lucro e nunca será autossustentável, que é o *Prêmio Teatro Brasileiro*.

Essas questões vêm sendo discutidas pela *Rede Brasileira de Teatro de Rua* criada em 2007 na Bahia e que, em fevereiro de 2013, realizou em Brasília, DF, seu XII encontro presencial com articuladores de vários estados brasileiros. Nesses encontros caminhamos para uma discussão que vai além da pauta única que vem sendo imposta pelo poder público, que é a reforma da lei Rouanet.

Nos encontros da Rede, entre várias pautas que dizem respeito aos fazedores de teatro de rua, estamos priorizando um debate sobre o conceito de Arte Pública, proposto pelo nosso grande amigo, companheiro e mestre Amir Haddad.

Já que entramos em questões nacionais, entramos em contato com articuladores da *RBTR* de todos os Estados do Brasil e obtivemos algumas informações sobre suas regiões que queremos deixar registrado na *Poética da Rua*.



O *Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre* (Fumproarte) tem por objetivo estimular a produção artístico-cultural da cidade, através de financiamento direto, a fundo perdido, de até 80% do custo total dos projetos de produção (decreto 10.867/93). Ou sem limite previsto para os projetos de criação, formação, estudo ou pesquisa (decreto 16.009/08). A distribuição dos recursos é definida mediante concurso público, realizado pela Secretaria Municipal da Cultura.

## **Espírito Santo**

Do Espírito Santo, Rosa Rasuck do Circo Teatro Capixaba, nos conta que o Fundo de Cultura foi criado em 2008. A partir de 2009, os editais que existiam foram e estão sendo aperfeiçoados e apresentados em maior número. Segundo Rosa, apesar de não existir nenhum edital específico para teatro de rua, essa categoria tem recebido o mesmo tratamento das outras. Na contratação direta para apresentações, principalmente nas periferias, é bastante comum a presença de grupos de artes de rua, além da música, que é âncora. Segundo Rosa:

Em relação ao edital de circulação de espetáculos de teatro e de dança temos notado que grupos de rua e de espaços alternativos têm sido constantemente contemplados. Como os locais de apresentação são elencados por uma equipe interna da Secretaria da Cultura - Secult, a partir de solicitação de secretarias municipais do interior, as cidades que não têm um teatro recebem com prazer os grupos de rua. Isso tem facilitado bastante a vida das equipes de produção dos selecionados no que diz respeito à divulgação e acesso do público local.

## **Pará**

Outra realidade vive o Estado do Pará. A atriz Suani Corrêia, do grupo Palhaços Trovadores, de Belém, relata que não existe uma política pública para a cultura no Estado do Pará. E o que já era ruim ficou pior com a mudança de governo: os editais lançados pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará, que existiam há dois ou três anos, foram suspensos. Atualmente a classe teatral paraense está à mercê de leis de incentivo via renúncia fiscal, como a Lei Semear (estadual) e a Lei Tó Teixeira (municipal). Os contemplados, quase sempre, são os artistas ligados à música. Suani lembra ainda das bolsas de experimentação artística do Instituto de Artes do Pará (IAP), que contemplam as áreas de teatro, dança, música e artes visuais. São boas oportunidades para os bolsistas, mas o tempo de duração da bolsa, que era de nove meses, passou agora para seis.

Em compensação, Suani informa que, em 2012, o acontecimento mais relevante para a cultura paraense foi a adesão da Prefeitura Municipal ao Sistema Nacional de Cultura:

Foto de Thiago Araújo



Palhaços Trovadores.

Com isso, foi assinado o pacto para a criação e implantação do Sistema Municipal de Cultura de Belém. Foi e é algo importante, pois, a partir do SMC, vejo que terá um avanço importante no que concerne uma política cultural consistente. E isto tudo foi possível graças à pressão dos segmentos artísticos.

Sobre a articulação do movimento local, Suani destaca o Fórum Livre Permanente de Teatro do Pará, que é ao mesmo tempo um espaço físico e virtual de discussão e troca de informações sobre as atividades teatrais do estado:

Ele atua de forma democrática, inclusiva e sem hierarquia, agregando trabalhadores-artistas que se empenham pela valorização e fortalecimento da linguagem teatral. Além de lutar pela garantia dos direitos e implantações de políticas públicas culturais efetivas.

Suani lembra que o FLPTP já organizou dois encontros a fim de expandir suas fronteiras e debater as atividades teatrais no Pará e em Belém:

Alguns articuladores do FLPTP também fazem parte da Rede Teatro da Floresta e da Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR). Logo, os anseios e discussões acerca do teatro de rua, do uso dos espaços públicos, da Arte Pública em geral, estão presentes nas discussões realizadas aqui.

Os articuladores do FLPTP passaram a integrar desde o final de 2011 o Fórum Municipal de Cultura de Belém (FMC), criado a partir de encontros que sucederam o “Seminário Municipal de Cultura de Belém”, evento organizado a partir da articulação dos movimentos sociais, coletivos, produtores, organizações, Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Vereadores de Belém e demais interessados nos temas relacionados à cultura de Belém.

Segundo Suani, diante da omissão do Poder Executivo, o Fórum Municipal de Cultura e o Poder Legislativo, através da Comissão Permanente de Cultura, chamaram a responsabilidade de discutir a Lei Ordinária que institucionalizaria o Sistema de Cultura.

O Projeto de Iniciativa Popular foi construído como previsto na Lei Orgânica do Município de Belém, de acordo com a intenção do FMC que era a de ampliar a participação da sociedade na criação do SMC. No mês de março aconteceram Audiências Públicas Distritais sobre o tema e foram organizados vários atos culturais em apoio ao Projeto de Iniciativa Popular. Suani é clara ao dizer que:

A mobilização pela criação do Sistema seria a oportunidade de discutir o papel do órgão gestor da cultura em Belém, os mecanismos de incentivo à cultura mais transparentes, como a criação do Fundo Municipal de Cultura, a ampliação dos recursos para a área cultural, a reestruturação do Conselho Municipal de Cultura e a formulação do Plano Municipal de Cultura com ampla participação popular. Nosso grito de solidariedade e apoio só pode ser um: avança, Pará!

## Minas Gerais

Em Minas Gerais, Cristiano Pena, ator do grupo Teatro Terceira Margem de Belo Horizonte informa que algumas cidades mineiras têm suas leis de incentivo nas modalidades renúncia ou fundo. É o caso de Belo Horizonte, Contagem, Betim, Juiz de Fora, entre outras.

O Fundo Estadual de Incentivo à Cultura distribui em tona de 10 milhões de reais. Resultado da parceria entre Governo Estadual e Federal, os Pontos de Cultura são 179 em todo o estado.

Há também o Edital Cena Minas que através da renúncia fiscal da Lei Rouanet capta recursos de empresas estatais. Mas o destaque de 2012 foi a criação do Conselho Estadual de Cultura, nos mesmos moldes da Lei Rouanet. Pelo sistema de renúncia fiscal estão disponíveis cerca de 60 milhões de reais. A dificuldade, no entanto, lembra Cristiano, está na captação.

## Rio Grande do Norte

A partir do fórum virtual da Rede Brasileira de Teatro de Rua recebemos uma boa nova, que foi contada por Lindemberg Bezerra, da *Cia. Cultural Ciranduis*. Em Janduis, cidade do meio-oeste do Estado do Rio Grande do Norte, a Câmara Municipal aprovou o Fundo Municipal de Cultura.

Segundo Lindemberg, a aprovação é fruto de 22 anos de luta e de um trabalho de articulação com os artistas locais, produtores, movimentos populares e a Câmara Municipal. Ele lembra que:

O Fundo garante o repasse das Receitas Correntes Liquidadas do município do porte 0.6, com menos de 6.000 habitantes, mas, com um movimento forte e promissor. Nosso passo agora é fazer da Fundação Cultural um órgão forte e de apoio verdadeiro a um grande movi-

mento dentro de uma pequena cidade, conhecida pelo Brasil pela arte popular.

Que o passo conquistado seja a alavanca para retumbantes vitórias que certamente acontecerão em bem menos tempo do que 22 anos!

## Rio de Janeiro

João Herculano, poeta e dramaturgo, ator do grupo *Tá na Rua*, da cidade do Rio de Janeiro, começa seu relato pela conquista, em 2012, da Lei 5429, de autoria do Vereador Reimont.

Herculano lembra que esta lei que legitima o direito dos artistas estarem na rua sem serem incomodados pela ordem pública “foi apenas um passo nessa caminhada que começou em 2008, quando fomos para as ruas brigar pelo direito de exercer o nosso ofício”.

Só a lei não dá segurança, faz questão de lembrar Herculano:

Pois ainda não existem políticas públicas para as artes públicas. Elas ainda são privadas. O conceito de Arte Pública ainda é novo até para nós, por isso mantemos reuniões semanais com grupos e artistas solos de rua, para podermos entender ainda mais sobre este universo da cultura de rua.

A Lei foi uma vitória. Marca o início do diálogo com o poder público que passou a reconhecer os fazedores de teatro de rua do Rio e a entender que:

Temos um trabalho diferenciado, que não se enquadra nas regras estabelecidas dos espaços fechados. Por isso os editais não nos satisfazem, pois suas regras nascem do conceito estabelecido das salas fechadas.

Herculano não hesita em dizer que nem sabe se os editais são mesmo necessários para os artistas de rua continuarem trabalhando. Ele defende que o poder público deve reconhecer e pode ajudar:

Através de políticas culturais públicas e claras, que nos permitam exercer nosso ofício, através de projetos que permitam que continuemos nossas pesquisas, sem estarmos presos à burocracia referente à liberação de verbas.

Herculano sustenta suas posições baseado nos 33 anos de praça pública do *Tá na Rua*. Ele lembra que durante todo esse tempo o grupo não ganhou mais do que três editais. Por essa razão, eles foram obrigados a buscar outros caminhos. Um deles, montar "... um grupo de trabalho que discute artes públicas e que atualmente montou um projeto junto à Secretária de Cultura Municipal que se chama Artes Públicas – Uma Política em Construção”.

O objetivo é cadastrar os grupos de teatro de rua veteranos da cidade do Rio de Janeiro, como o próprio *Tá Na Rua*, a *Cia. Brasileira Mistérios e Novidades*, *Off-Sina* e o *Boa Praça*, entre outros, que já ocupam as praças e, por isso, são considerados como sedes públicas. A ideia é abrir com esses grupos a discussão sobre quais políticas pú-

blicas devem ser debatidas, de maneira que sejam inclusivas e ajudem o artista de rua a se manter, independente da burocracia dos órgãos públicos, porque o sistema de fomento cultural é excludente, já que muitos desses grupos não têm como preencher todos os requisitos documentais exigidos nos editais. Acrescenta ainda que:

Através das nossas reuniões do GT foi possível para nós vermos que ainda precisamos aprender mais sobre este universo e acabamos descobrindo as várias possibilidades e manifestações que os espaços abertos oferecem.

Da constatação, Herculano passa à autocrítica:

Entendemos também que precisamos mudar nosso pensamento, não esperar que órgãos e instituições mudem suas opiniões sobre o que é arte de rua. Nós é que temos que mostrar que temos uma função social que transforma a cidade. Somos arautos que revelam a vida urbana da cidade.

A estrada é longa, a briga boa, a causa justa. Sucesso aos artistas do Rio de Janeiro!

### **Resumo da ópera: continuamos a luta**

Todos esses relatos confirmam a nossa proposição inicial: a política de editais ou renúncia fiscal que se pratica Brasil afora não atende às nossas necessidades. São como castelos de areia, ilusões momentâneas que beneficiam poucos e se esvaem rapidamente.

A revolução mesmo resultará da construção de políticas públicas para as artes públicas. Temos a clareza e a consciência de que essa construção acontecerá a partir de nós, grupos e movimentos organizados.

Flecha neles!

## Dia Internacional do Teatro

### Denúncias

NESTE 27 DE MARÇO DE 2012 – DIA INTERNACIONAL DO TEATRO E DIA NACIONAL DO CIRCO – NÓS, **COLETIVOS ARTÍSTICOS COMPONENTES DO MOVIMENTO DE TEATRO DE GRUPOS DE SÃO PAULO**, MAIS UMA VEZ, EXIGIMOS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ESTEJAM À ALTURA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PAÍS, SEJAM EFICAZES E TENHAM CONTINUIDADE. ENTENDEMOS QUE O CUMPRIMENTO DESSAS PROPOSIÇÕES ATENDE NÃO APENAS AOS PROFISSIONAIS DE TEATRO, MAS CONTRIBUI PARA A GARANTIA DO ACESSO E A FRUIÇÃO DOS BENS CULTURAIS A TODA POPULAÇÃO.

Reafirmamos nossa luta histórica contra as leis de renúncia fiscal que ao longo de suas existências revelaram-se como um mecanismo perverso, utilizado para carrilhar os poucos recursos públicos para os interesses privados das corporações. Reafirmamos a defesa dos espaços públicos para o interesse público, assim, nos manifestamos contra qualquer proibição ou burocratização para utilização desses espaços por parte do teatro de rua ou demais artistas, bem como defendemos que os espaços públicos ociosos sejam ocupados para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais.

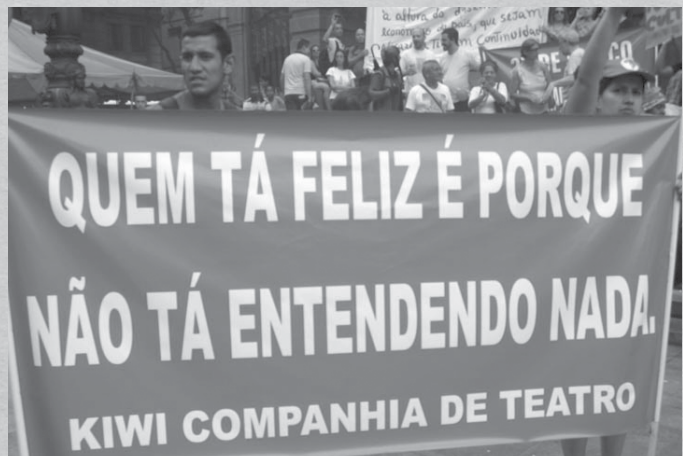
**No âmbito Federal:** Repudiamos o não comprometimento do Executivo Federal e do Congresso Nacional com o Projeto de Lei de Fomento ao Teatro Nacional – Prêmio Teatro Brasileiro. A demora na sua aprovação é um impedimento à democratização dos recursos para as artes cênicas no país. Denunciamos a falta de planejamento do Ministério da Cultura que tem abandonado os profissionais de teatro na condição da mais completa incerteza, sem saberem como e quando os editais federais serão lançados, julgados, contratados e, principalmente, pagos. Denunciamos a descontinuidade e a precarização das ações culturais já existentes tais como os Pontos de Cultura.

**No âmbito Estadual:** Denunciamos a falta de iniciativa do Executivo Estadual em defender a equiparação entre os recursos destinados à renúncia fiscal e os editais (ProAC ICMS e ProAC editais), defendida pela Comissão de Edu-

cação e Cultura da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo; defendemos a retomada das discussões sobre a implantação do **Fundo Estadual de Arte e Cultura**. Repudiamos a privatização da cultura pela renúncia das atribuições da Secretaria Estadual da Cultura em favor das chamadas “Organizações Sociais” e a política cultural com foco na construção de edificações em detrimento das ações culturais que efetivamente envolvam os artistas e a população.

**No âmbito Municipal:** Repudiamos a crescente interferência do Executivo Municipal nas leis de fomento ao teatro e à dança, levando a uma burocratização mortal ao processo criativo. Denunciamos ausência de novas leis e programas que dêem conta da crescente demanda da cidade e a precarização de algumas ações culturais tais como o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), o Projeto Piá e a programação cultural dos CEUs.

### Movimento de Teatro de Grupos de São Paulo



Manifestação dos grupos de São Paulo em frente ao Theatro Municipal (27/03/2013).

## CENOPOESIA, UMA VIVÊNCIA

Em julho de 2012, recebemos Ray Lima e Junio Santos, ambos do Movimento Escambo e mestres em cultura popular, para conduzir uma vivência Cenopoética. Foram momentos incríveis que vivenciamos ao lado de outros artistas e parceiros de São Paulo, onde aprendemos muito e nos divertimos um tanto. Deixaremos o registro de algumas palavras do poeta Ray Lima durante esse encontro.

Cenopoesia é a capacidade de articulação de linguagens e a maneira como a gente expressa isso. Por essa razão a ideia da cenopoesia é que nada que foi criado fique de fora. O que significa que tudo pode: quem canta pode dispor do seu canto, quem dança pode dançar, ninguém se recusa a dar o seu repertório. Dessa maneira o grupo vai somando com o que tem nesse jogo e o exercício de memória corporal, intelectual, científica, porque não há rejeição da capacidade de cada um. As manifestações aparecem porque têm que aparecer. É esse jogo que está ligado à ideia da cenopoesia, que é a articulação de linguagens que busca fortalecer a capacidade expressiva da gente. E isso pode ser feito por uma ou mais pessoas que dialogam em um determinado contexto, em qualquer espaço: na rua, em uma escola, igreja, etc.

A cenopoesia parte também do princípio que a pessoa não precisa se preocupar em ser ator, ou ter propriamente os elementos do teatro aprendidos para se expressar. Trabalha com a possibilidade de o sujeito se expressar desprendido da concepção que se tem no teatro de construção de personagens e da obrigatoriedade de ter que contar necessariamente uma história. Para a cenopoesia o que interessa é entrar em diálogo com o mundo e isso pode acontecer em qualquer lugar, através da ideia da articulação das linguagens em uma perspectiva horizontal, capaz de se complementar e que, assim, vão se comunicando e ganhando força.

Dependendo da referência de cada um, as pessoas ainda confundem a cenopoesia com performance, poesia dramatizada, show musical. Nenhuma linguagem é melhor ou pior do que outra. Nós temos usado duas metáforas: a do “*Banvario*”, ou seja, uma árvore com raiz profunda que é o carvalho, que é muito forte, mas por não ter flexibilidade, não consegue dialogar com o tempo novo, a tempestade; e outra que é o bambu, que tem uma capacidade enorme de diálogo com o tempo, que brinca com o tempo, com a chuva, com o vento. Como é que podemos usar esse bambu que tem a capacidade de ser sempre contemporâneo e o carvalho que tem a substância terrena da raiz profunda? Se juntar os dois eu tenho outro ser que é o “*banvario*”.

## Carvalho > BamBU > Banvario = Cenopoesia

A cenopoesia se torna isso, a síntese da condição dialógica entre várias linguagens onde cada uma delas deixa de existir puramente em função da outra. Quando um grupo vai brincar, vai com seu repertório, sua experiência artística e humana, podendo chegar a qualquer lugar em busca do outro, do diálogo com o outro e do repertório do outro.

Ao longo do tempo fomos construindo várias maneiras de brincar.

Uma delas é a de intervir em qualquer espaço, em qualquer momento, com um ato cenopoético. E isso serve pra interferir em um contexto. Pra isso, eu tenho que ter a capacidade de fazer a leitura do momento e intervir, alimentando uma ideia que está sendo colocada, ou mudando completamente o assunto. Por isso tem que estar muito atento à necessidade do momento.

Outra é o desafio, onde cada um usa o que tem sempre pensando em conversar, em dialogar com o outro e se fazendo a pergunta: o que eu quero falar?

E ainda tem o roteiro cenopoético, que pode ser um ou vários textos e poemas que formam um roteiro, mas que também podem ser alterados, porque tudo é livre.

Uma das coisas mais importantes na cenopoesia é o sentido autoral do ato cenopoético, é a decisão clara do sujeito de agir junto, e de ser sujeito daquele processo. O ato cenopoético requer que a pessoa se coloque.

*(Nesse momento Ray puxa um poema (Morreu Fulano de Tal) que vem acompanhado de uma música tocada e cantada por Junio, e depois conclui: "Isso aqui foi uma autointervenção!"*

Eu diria que essa brincadeira, para ser coerente, tem que ser assim: a gente vai costurando as conversas, agora, nós paramos com uma visão um pouco mais teórica. À medida que refletimos sobre nossa prática, e estamos pensando sobre o que estamos fazendo, fazemos também teoria. Mas não existe essa conversa articulada sem a prática. É essa mistura: o trabalho cenopoético, em que vamos conversando com o corpo inteiro e esperando que vocês comecem a entrar nesse papo.

### Palavras finais dos participantes:

Pé, amor, frio, égua, brincadeira, delicadeza, movimento, tradição, cultura, moralidade, amizade, roda, acolhimento, criar, delícia, família, macumba, conhecer, palhaço, troca, transmitir, transgredir, desordem, direção, conhecimento, liberdade, envolvimento, voar, dupla face, escambo!

Foto de Cristiane Accica.



## II SEMINÁRIO NACIONAL DE DRAMATURGIA PARA O TEATRO DE RUA

De 13 a 16 de março de 2013, dramaturgos, atores, diretores, músicos e pesquisadores se debruçarão novamente sobre a dramaturgia dos espaços abertos, com foco na encenação, direção, música como dramaturgia, e outras questões que nos inquietam e sobre as quais sentimos a necessidade de refletir.

Amir Haddad fará a abertura com uma palestra sobre arte pública e, no encerramento, Alexandre Mate discorrerá sobre a produção teatral dos espaços abertos dos últimos anos e, em especial, a dramaturgia paulistana e o trabalho do Núcleo Paulistano de Pesquisadores.

### Datas e locais:

**13/03**  
16h - Palestra Arte Pública com Amir Haddad.  
19h - show musical com Rodolfo Minari- grupo Vivarte-AC  
**Local:** Instituto Pombas Urbanas - Av. dos Metalúrgicos, 2.100  
Cidade Tiradentes.

**14/03**  
16h - Debate: Aspectos da dramaturgia do teatro de rua -  
encenação, direção, atuação e linguagens estéticas - prólogo  
**Local:** Sede do Núcleo Pavanelli - Rua Salvador Bicudo, 30-  
Tucuruvi.

**15/03**  
16h - Debate: Aspectos da dramaturgia do teatro de  
rua - encenação, direção, atuação e linguagens estéticas -  
desenvolvimento  
**Local:** Casa d'Oráculo - Rua Antonia Teresa de Paula Matias,  
175/181- Vila Silvia/ZL

**16/03**  
11h - Debate: Aspectos da dramaturgia do teatro de rua -  
encenação, direção, atuação e linguagens estéticas - desfecho  
15h - Palestra Olhar sobre dramaturgia com Alexandre Mate  
**Local:** CICAS - Av. do Poeta, 740 - Jardim Julieta

Coordenação: Calixto de Inhamuns

### Aconteceu no Centro de Pesquisa para o Teatro de Rua Rubens Brito

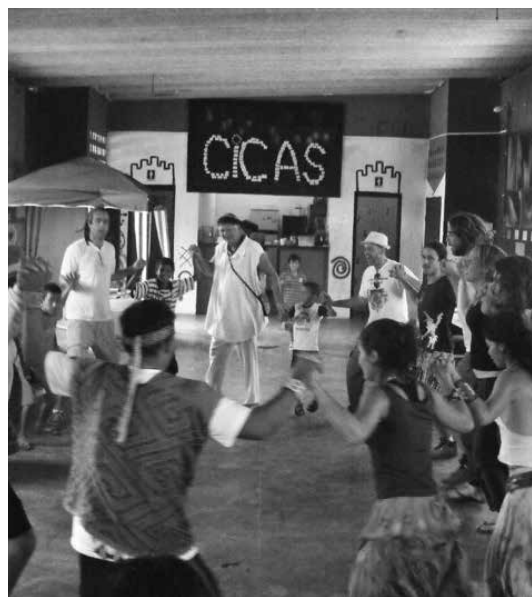
- Oficina Circo Teatro com Fernando Neves: jul/ago 2012
- Oficina Cenopoesia com Junio Santos e Ray Lima: ago 2012
- Oficina A dramaturgia do ator com Calixto de Inhamuns: nov/ dez 2012 e jan/fev 2013
- Oficina Cortejo com Romualdo Freitas mar 2013



## CICAS: A LUTA PARA COMPARTILHAR SUA VERDADE

**Juninho Cendro**  
Gestor do CICAS

O *Centro Independente de Cultura Alternativa e Social - CICAS* é uma ação comunitária que partiu das necessidades de acesso e da iniciativa independente da juventude artística e organizada que ocupou um imóvel público e abandonado no Jardim Julieta, zona norte da capital paulista. O primeiro dia de ações coletivas aconteceu na prática em 18 de março de 2007. Desde então, contando com recursos próprios, realizamos inúmeras mobilizações populares, o que vem transformando o espaço em um centro cultural. Em pouco tempo, e em contato direto com a realidade politicamente excluída da comunidade do entorno, a iniciativa amadureceu abraçando, além de seus objetivos iniciais, discussões políticas e de direito ligadas ao meio ambiente, direitos humanos e de relação social. O *Cicas* tornou-se assim uma referência de espaço de cidadania.



Núcleo Pavanelli, Rosa dos Ventos e Grupo Vivarte no Cicas, na IV Mostra de Teatro de rua da Zona Norte - out/ 2012

A *IV Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte*, aconteceu de 14 de julho a 14 de outubro de 2012 e novamente ocupou os espaços de parceiros que seguem na luta pela manutenção desses espaços. O *Sarau Poesia na Brasa*, na Vila Brasilândia, existe desde 2008 e se apresenta como um movimento cultural de periferia para periferia, com o objetivo de produzir e divulgar arte feita pela comunidade e fomentar um espaço de discussão e expressão. O *Ponto de Cultura Quilombaque*, em Perus, desde 2005 vem mantendo atividades permanentes também com o objetivo de oferecer oportunidade de vivência artística e expressão à comunidade. O *Cicas*, no Jardim Julieta, vem sendo a comunidade onde o **Núcleo Pavanelli** atua mais intensamente, com apresentações de teatro de rua na praça Carlos Kozieritz, a Praça da Feira, ou Praça do Teatro, como a comunidade vem falando.

Atualmente o *CICAS* conta com um estúdio audiovisual profissional, uma oficina de costura completa, uma biblioteca comunitária com grande acervo, palco para shows e intervenções teatrais, um amplo salão onde são realizadas atividades coletivas como aula de capoeira, teatro infantil e skate. Além da realização periódica de shows, festivais, debates, reuniões comunitárias e sessões de cinema.

Localizado em praça pública, o *CICAS* abriga ainda em sua área externa uma horta comunitária, além de outras atividades relacionadas ao tratamento da terra como oficinas de compostagem, minhocário residencial, plantação de árvores frutíferas, plantas ornamentais e outras atividades de conscientização.

A maior das dificuldades enfrentadas pela iniciativa é a questão política de reconhecimento. No início, a prefeitura alegava não ser responsável pelo terreno ocupado, gerando enormes dificuldades para a realização de ações básicas como a ligação de energia elétrica e de abastecimento de água. Em 2010, recebendo uma verba para revitalização desta praça, a prefeitura então assume essa responsabilidade e expulsa o CICAS, sem comunicados oficiais ou qualquer tipo de documento. Sob o argumento de o local ser uma área verde, que por lei não permite construções, a prefeitura tentou nos derrubar. Contando com o enorme apoio da rede cultural formada por diferentes agentes e coletivos da cidade e do país, conseguimos segurar e requerer judicialmente a permissão para ocupar e tornar público o espaço público.

Com exposições midiáticas e muita pressão popular o processo foi encaminhado e ainda hoje se encontra em julgamento na Secretaria de Gestão do Município. A cada ano, principalmente em ano de eleições, novas estratégias políticas são atreladas a esse processo com a intenção clara de desfazer a iniciativa, como por exemplo, a promessa de implantação de um Posto de Saúde, um Eco ponto, um playground, dentre outros equipamentos públicos no lugar do CICAS. O que faz com que parte da comunidade se volte contra a iniciativa, contra os cidadãos sem cultura e sem direitos que deram suas vidas, talento e recursos pela construção de um espaço inédito de convivência e reflexão social.

Receber a *IV Mostra de Teatro de Rua* a partir do CICAS foi e é importantíssimo para nossa iniciativa e para a comunidade como um todo. Assim como foi receber a Mostra Lino Rojas três vezes, cortejos e todas as demais intervenções de rua que aconteceram durante esses nossos seis primeiros anos de história.

O teatro de rua é um marco social da nossa iniciativa, tendo em vista que a partir dessas intervenções é que fomos ter um contato mais íntimo e direto com a comunidade, e nesses espaços é que eles (comunidade) também sentiam mais vontade para opinar, sugerir, criticar e de forma direta, cara a cara se mostrarem.

Muitos preceitos e preconceitos foram quebrados a partir das ações realizadas na rua. Grande parte da comunidade nos criticava pela imagem, julgavam-nos pela aparência até que, com o tempo, e se reconhecendo em nosso trabalho, é que a comunidade acreditou na nossa verdade, na nossa vontade, na nossa seriedade.

Esta *IV Mostra*, foi para nós como um grande prêmio de reconhecimento. Conseguimos realizar as atividades programadas de forma natural, prazerosa, carregando com a experiência dos anos anteriores uma bagagem essencial para o desenvolvimento desta relação a que nos propomos que é diminuir as barreiras entre a arte e o povo, entre o artista e o trabalhador, entre a fantasia e a criança que habita em cada um de nós.

Esperamos que em 2013 todos os conflitos sejam colocados à prova, que nossos direitos sejam respeitados, que nosso espaço cultural seja finalmente reconhecido e assegurado. Nosso planejamento é sempre o desenvolvimento contínuo, tanto individual (aos artistas envolvidos nesse processo que é de formação), quanto social (aos cidadãos indiretamente envolvidos e que a partir de processos como este, se reconhecem no espaço público, encontrando ou desenvolvendo ali suas verdadeiras identidades).

Lançaremos, neste 6º ano de luta, nosso portal oficial na internet, onde compartilharemos todos os detalhes e registros desta história que, a partir de agora, também pode ser a sua história, acesse e fale conosco: [www.portalcicas.org](http://www.portalcicas.org).



**INDÍGENAS  
BRASILEIROS  
LUTAM PARA  
EXISTIR**



## INDÍGENAS BRASILEIROS LUTAM PARA EXISTIR

**Morrem, hoje, no Brasil muito mais índios defendendo suas terras do que nos velhos filmes de banguê-banguê de Hollywood. E nessa guerra a lei do branco aciona o gatilho do pistoleiro.**

Aprendemos na escola que os indígenas são um dos três formadores do Brasil, ao lado do branco e do negro. No mesmo banco escolar que sentaram a presidenta Dilma Rousseff, o Ministro da Justiça, os parlamentares do Congresso, do Senado e todos os representantes dos segmentos econômicos cujos interesses ameaçam o direito sagrado dos indígenas brasileiros existirem. Direito que a constituição consagrou no artigo 231, um dos poucos aprovados de maneira unânime e que, nos últimos anos, vem sendo seguidamente desrespeitado, para não dizer, violentado, tanto por quem tem muito a ganhar com a anulação desses direitos, mas também por setores esclarecidos e bem informados que fazem cara de paisagem para a crescente escalada de crimes impunes que marcam esse dramático momento da história dos indígenas brasileiros.

Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Para melhor entender o contexto em que essa luta vem se desenrolando *A Poética da Rua* relacionou os principais episódios recentes que ilustram como essa luta se dá em várias frentes. Da sua leitura salta aos olhos um fato: nos últimos anos arma-se o cerco final às terras indígenas. O confronto é desigual: arco e flecha contra canhão? Nem sempre. Os índios lutam cada vez mais contra armas aparentemente invisíveis muito mais poderosas: as leis dos brancos. Cansados de verem medidas serem tomadas a respeito de seu destino sem serem ouvidos, eles resolveram radicalizar.

## ATENTADOS, ASSASSINATOS, PORTARIAS E DECRETOS: É A GUERRA PELA TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL

Situada no nordeste do estado brasileiro de Roraima, a Terra Indígena Raposa Serra do Sol ocupa uma área de 1.743.089 hectares, com cerca de mil quilômetros de perímetro. As lutas pelas terras acontecem desde 1917 e, ao longo do século passado, as terras foram ocupadas em ciclos econômicos diferentes por fazendeiros, garimpeiros, madeireiros e, mais recentemente, por plantadores de arroz, que lá chegaram em meados dos anos 70.

No ano de 1998, as terras Raposa Serra do Sol são demarcadas pelo Ministério da Justiça, através da Portaria Nº 820/98, posteriormente modificada pela Portaria 534/2005. Mas é no ano de 2003 que passos concretos foram tomados pelo governo brasileiro para regularizar a situação. Pressionado por uma campanha de homologação lançada pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, o ministro da Justiça do Governo Lula, Marcio Thomaz Bastos, visita a região e anuncia que a decisão será rápida.

### PARA SABER

#### **Pelo Censo 2010 (IBGE) há no Brasil**

- 896,9 mil indígenas, pertencentes a etnias
- 36,2% em área urbana
- 63,8% na área rural.

#### **Pelo mesmo Censo, há:**

- 505 TIs (terras indígenas) reconhecidas, o que representa 12,5% do território brasileiro (106.739.926 hectares)
- Cerca de 70% se concentram na Amazônia Legal formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte dos estados do Mato Grosso e Maranhão
- 363 TIs estão regularizadas
- 335 encontram-se em alguma fase do procedimento de demarcação
- 348 são reivindicadas por povos indígenas

## RÁPIDA ELA FOI, MAS NADA FÁCIL

Em janeiro de 2004, em protesto contra a homologação, produtores de arroz instalados na Terra Indígena junto com alguns indígenas que defendem a homologação fracionada e não contínua, invadem a sede da Funai em Boa Vista, destroem a missão Surumu, fazem padres de reféns e fecham estradas e pontes.

A situação revela que os indígenas não só estão divididos com relação ao que fazer com suas terras, como esta divisão tem uma componente religiosa. Evangélicos ligados à Sodiur (Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima) apoiam os produtores do arroz, enquanto que os ligados ao CIR (Conselho Indígena de Roraima) têm respaldo da Igreja Católica e da Diocese de Roraima.

A permanência da situação de conflito leva o CIR a apresentar à Comissão de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) uma petição com denúncias de violação aos direitos indígenas no Brasil.

Em abril de 2005, uma Portaria assinada por Thomaz Bastos ratifica, com ressalvas, a declaração de posse permanente sobre a TI Raposa Terra do Sol. A medida beneficia os grupos indígenas Ingarikó, Makuxi, Taurepang, Wapixana e Patamona e dá sustentação à ação que a Polícia Federal desencadeia para garantir a efetivação da homologação.

Em protesto, produtores de arroz e índios contrários à homologação, interditam parte de uma rodovia federal em Roraima e um grupo de índios da etnia Makuxi faz reféns quatro agentes da Polícia Rodoviária Federal. Índios ligados à Sodiur (Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima) condicionam a libertação dos reféns à revogação da homologação.

A situação tensa e complexa se arrasta, alimentando todo tipo de violência. Em agosto de 2007, a ONU ameaça intervir

em defesa da TI Raposa Serra do Sol, pois mesmo com a decisão do Supremo Tribunal Federal determinando a desocupação da reserva, a guerra de liminares na justiça adia indefinidamente a retirada.

§ 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.



## FORÇAS ARMADAS SE NEGAM A APOIAR DECISÃO DA JUSTIÇA.

### E O PREFEITO CASSADO, AO RECUPERAR O CARGO MANDA RECADO: BALA!

O confronto se desloca para as instituições quando de maneira surpreendente as Forças Armadas se negam a dar apoio à ação de retirada dos não-índios da reserva. A crise ganha contorno de escândalo, quando o produtor e prefeito de Paracaima, Paulo César Quartiero, que tinha sido cassado por compra de votos, é reconduzido ao cargo. Dois meses depois, a seu mando, dez indígenas são baleados por funcionários de uma de suas empresas. Tarso Genro, que ocupa o lugar de Marcio Thomaz Bastos vai à região e o prefeito é preso e levado a Brasília.

Nesse clima, quando, em 2008, a Polícia Federal inicia uma Operação, para fazer cumprir a lei, é enfrentada por uma força composta pelos produtores de arroz, criadores de gado e o restante da população não indígena da região.

Mais uma vez, os indígenas se dividem: os católicos apoiam a ação. Os evangélicos são contrários. Pontes são destruídas com dinamite e motosserras. O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, revela que o gru-

po de produtores de arroz que resiste em deixar a Terra Indígena, em Roraima, quer confronto e prepara bombas contra a ação da Polícia Federal.

Em março de 2009, por dez votos a um, o STF (Supremo Tribunal Federal) decide manter a demarcação contínua da reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima. Por outro lado, os ministros impõem as 19 condições sugeridas pelo ministro Carlos Alberto Menezes de Direito que devem ser tomadas como base nesse caso, como em outros semelhantes. O resultado do julgamento deve servir como parâmetro para outros processos demarcatórios no país.

Mas, ao se transformar em lei, as 19 condições geraram um novo e contundente protesto de vários segmentos da sociedade.

§ 2º - As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

### A PORTARIA 303: O TIRO, SEM MISERICÓRDIA

Em julho de 2012, o advogado geral da união, Luis Adams, assina a Portaria 303 que, em seu artigo 1º transforma em regras as condicionantes incluídas pelo ministro Menezes de Direito na decisão de 2009 do STF (Supremo Tribunal Federal) sobre a demarcação em área contínua da TI (Terra Indígena) Raposa Serra do Sol.

As condicionantes proíbem a ampliação de Terras Indígenas (TI) e dispensam a consulta prévia aos indígenas no caso do governo decidir realizar obras consideradas “estratégicas” pelo Ministério da Defesa e o Conselho de Defesa Nacional

como estradas, hidrelétricas e unidades militares.

A norma do advogado geral da união é um verdadeiro tiro, sem misericórdia, nos direitos indígenas garantidos pela Constituição.

A íntegra da portaria pode ser vista no link (reduzido) <http://bit.ly/Y7R72R>

A Funai, a Associação dos Advogados da União, a Rede de organizações indígenas e de indigenistas se manifestam prontamente contrárias à Portaria. Maiores interessados, mais uma vez, os indígenas não foram ouvidos.

§ 3º - O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

## CANETAÇO DA DILMA LIBERA ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NA AMAZÔNIA PARA MEGAEMPREENDIMENTOS

Em janeiro de 2012, ignorando pareceres de técnicos em contrário, inclusive de órgãos do próprio governo, a presidência publicou a Medida Provisória 558, editada no dia 6, que altera limites de oito unidades de conservação da Amazônia. Em tempo recorde, a MP da Dilma foi aprovada no senado, com apenas um único voto em contrário. Com essa canetada a presidenta liberou áreas onde, até então, era proibido sequer pensar em estudos para projetos de grande porte. A partir dessa MP, os estudos não só estão sendo feitos, como se pretende que eles sejam concluídos em tempo recorde. É o caso do Complexo Tapajós, onde o governo planeja construir nos próximos anos cinco hidrelétricas, colocando em risco as terras indígenas dos Mundurucus, que vivem na região compreendida entre os municípios de Jacareacanga e Itaituba. Analistas são taxativos: em termos de repercussão, Tapajós é a próxima Bela Monte.

## MUNDURUKU É ASSASSINADO EM AÇÃO DA POLÍCIA FEDERAL

Em janeiro de 2013, lideranças Mundurucus e Kaiabi foram a Brasília exigir providências do governo sobre o assassinato de Adenilson Kirixi Mundukuru em um confronto com a Polícia Federal, que aconteceu em novembro de 2012 na fronteira entre o Mato Grosso e o Pará, às margens do Rio Teles Pires, onde está sendo construída uma hidrelétrica. A operação da Polícia Federal visava destruir garimpos ilegais que operam dentro dos limites da Terra Indígena e mobilizou um forte contingente por terra, apoiado por helicóptero. Depois de um começo de negociação tensa com um dos caciques, deu-se o confronto. Segundo a nota do Conselho Missionário Indígena, o que se viu não é diferente do que acontece desde o período do descobrimento na região: “Índio (Munduruku) com flecha defendendo o seu território, e branco (Policia federal) com arma de fogo abatendo quem encontrava pelo caminho”.

O resultado da operação foi devastador. Ainda segundo a nota do CIMI “vários índios gravemente feridos; crianças, idosos e mulheres ameaçados e humilhados pelos agentes federais; e um Munduruku assassinado com quatro tiros no peito e um na cabeça”.

Em Brasília, os representantes do governo com quem dialogaram, queriam falar sobre a posição dos Mundurucus diante das barragens. Resposta dos índios: “Se for pra falar de hidrelétrica, a gente não vai”.



## LIDERADOS POR RURALISTAS E EVANGÉLICOS, DEPUTADOS TORNAM SEM EFEITO ARTIGO DA CONSTITUIÇÃO QUE PROTEGE AS TERRAS INDÍGENAS

No dia 21 de março de 2012, a bala de prata no artigo 231 da Constituição. Capitaneados pelas bancadas ruralista e evangélica, todos os deputados do PMDB, PP, DEM, PSD, PR, PSDB, PTB, PDT e PPS votaram a favor da PEC 215/2000, projeto de lei que fere de morte o artigo 231 da Constituição, ao propor que:

- toda e qualquer demarcação de terra indígena ainda não concluída deverá ser submetida à aprovação do Congresso Nacional

- será exigida a aprovação de lei para a demarcação de terras indígenas e a definição de espaços territoriais especialmente protegidos pelo poder público

É o fim das demarcações de terras de ocupação tradicional no país, dizem os indígenas. “É o mesmo que colocar as raposas para tomarem conta do galinheiro com consequências muito piores” se manifestou oficialmente o PSOL. Com ele, votaram contra a PEC 215/2000 apenas os deputados do PT, PC do B, PSB.

## AMAZÔNIA: A PENÚLTIMA FRONTEIRA A SER CONQUISTADA

Vendo a Amazônia ser ocupada de uma maneira desordenada e criminosa desde sempre e, especialmente, a partir da construção da Transamazônica, os índios têm na sua própria história sua maior força para resistir e defender suas terras e suas vidas. Mesmo depois do retorno do país à democracia, tudo que se faz com relação aos direitos indígenas vira letra morta, ou lero-lero para enfraquecer, difamar e usurpar a honra, a dignidade, a integridade e o direito de existir das nações indígenas.

A mais rica biodiversidade do planeta está sendo destruída para que a Amazônia seja vista como o mais atraente Eldorado a proporcionar oportunidades, mega negócios, e negociatas.

Nos rios, os primeiros jet-skis já substituem as tradicionais canoas e voadoras. Nas cidades, e até mesmo no campo, as motos aposentam os cavalos. Nesse cenário, não há mais lugar para os indígenas brasileiros. A única saída que lhes resta é lutar. Como deixa claro a carta que os 170 indígenas Guarani Kaiowá divulgaram em outubro de 2012, anunciando à sociedade brasileira e à justiça que vão acabar morrendo por

reivindicar suas terras. Cercados por pistoleiros a mando dos fazendeiros da região, eles decidem que preferem morrer a sair:

*Moramos na margem do rio Hovy há mais de um ano e estamos sem nenhuma assistência, isolados, cercado de pistoleiros e resistimos até hoje. Comemos comida uma vez por dia. Passamos tudo isso para recuperar o nosso território antigo Pyelito Kue/Mbarakay. De fato, sabemos muito bem que no centro desse nosso território antigo estão enterrados vários os nossos avós, avós, bisavós e bisavós, ali estão os cemitérios de todos nossos antepassados.*

*Pedimos, de uma vez por todas, para decretar a nossa dizimação e extinção total, além de enviar vários tratores para cavar um grande buraco para jogar e enterrar os nossos corpos. Esse é nosso pedido aos juízes federais. Já aguardamos esta decisão da Justiça Federal.*

*Decretem a nossa morte coletiva Guarani e Kaiowá de Pyelito Kue Mbarakay e enterrem-nos aqui. Visto que decidimos integralmente a não sairmos daqui com vida e nem mortos.*



ENTREVISTA

# BAINAWÁ E O TEATRO DA FLORESTA

Bainawá, na apresentação do espetáculo *Encantoria*, do grupo Vivarte, na IV Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte.

# BAINAWÁ E O TEATRO DA FLORESTA

Simone Brites Pavanelli

*Nós, povos indígenas, fomos os primeiros e agora somos os derradeiros a serem ouvidos pelos governantes do Brasil no que diz respeito às leis e às declarações universais dos povos indígenas e à própria constituição federal que garante os costumes, rituais e a demarcação da terra indígena.*

**Bainawá**

A IV Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte recebeu o Grupo Experimental de Teatro Vivarte, de Rio Branco, estado do Acre, que permaneceu em São Paulo por um mês. Além das apresentações na Mostra, o grupo cumpriu extensa agenda de apresentações nos espaços geridos por vários grupos. Uma verdadeira turnê paulista. Veja o roteiro:

- FESTCAL (Trupe Artemanha), Campo Limpo - São Paulo-SP
- Sacolão das Artes (Brava Companhia) - Parque Santo Antônio - São Paulo-SP
- Centro Cultural Arte em Construção (Pombas Urbanas) - Cidade Tiradentes - São Paulo-SP
- Escolas da cidade de Valparaíso - São Paulo-SP
- Sarau na Vila do Teatro (Trupe Olho da Rua) em Santos-SP

Mantivemos em todo esse período uma troca artística e cultural rica e produtiva. Aproveitei para entrevistar Bainawá, indígena da tribo *Huni Kuin*, parceiro do grupo Vivarte. Ao ouvir suas palavras, apreender um pouco de seu universo constatamos que sua luta também é a nossa luta. O que se confirmou dias depois desta entrevista com os terríveis fatos acontecidos com os índios guarani-kaiowá, que na semana de outubro de 2012 chamaram a atenção do mundo inteiro.

Raimundo Nonato Rodrigues de Carvalho, ou *Bainawá*, que significa caminho, da etnia *Huni Kuin*, terra indígena de *kaxinauá* de Nova Olinda, alto do Rio Envira, município de Feijó, preside o Centro de Concentração Espiritual da Floresta.

Durante o mês de outubro de 2012 o grupo ficou sediado no galpão sede do Núcleo Pavanelli onde pudemos misturar cantos, contos, ritos e histórias, deixando nossas vidas misturadas de sotaques e sabores e, entre um *rapé\** e uma roda de ciranda, paramos para um dedo de prosa com Bainawá. Auxiliado por Juliano Espinho, do grupo

*Vivarte*, ele nos contou um pouco sobre sua aldeia e o teatro da floresta.

Ficamos sabendo, então, que existem três terras indígenas *Huni kuin*: Terra indígena Katakina Kaxinawá, Terra indígena de Curralinho e, onde ele vive, Terra indígena Kaxinawá de Nova Olinda, onde vivem aproximadamente 500 moradores e é a única que possui registro de posse.

Dentre as muitas lutas, a da educação é uma das prioridades. Bainawá é professor em uma escola que atende alunos dos cinco anos de idade ao ensino médio. O projeto político pedagógico que desenvolvem se dá em ciclos e não existe uma avaliação no formato de prova. O que interessa aos 12 professores, cada um designado para transmissão de um tipo de conhecimento, é perceber a apreensão do conteúdo e identificar, por exemplo, se um aluno aprendeu contar uma história ou as músicas e as danças da comunidade.

Bainawá ensina a leitura e a escrita da língua Runikuin, o Hâtxakuí e a língua portuguesa. O aprendizado da língua materna é de extrema importância para a manutenção da tradição, dos costumes e, também, uma forma de resistência. A língua portuguesa é uma ferramenta para a ampliação de conhecimentos e o meio de comunicação com os não indígenas.

Ele conta que apesar de a escola ser subsidiada pelo governo, não há o repasse dos recursos para sua manutenção. Ela se encontra em uma situação muito precária, com falta de mesas, carteiras e até mesmo de um material didático apropriado. Existe ainda uma promessa de se fazer um concurso público diferenciado para o professor das aldeias indígenas. O que acontece é uma apropriação por parte do governo da imagem do indígena ao divulgar um aporte financeiro às comunidades indígenas, mas que na verdade não acontece.

## O CENTRO DE CONCENTRAÇÃO ESPIRITUAL DA FLORESTA

O Centro de Concentração Espiritual da Floresta tem como principais objetivos promover a unificação e parceria entre as culturas indígenas e as dos povos não indígenas; realizar rituais e brincadeiras ligadas às tradições.

A promoção da unificação e parceria entre as culturas pressupõe a participação do povo indígena em toda e qualquer diretriz que diga respeito às questões indígenas.

Bainawá cita como exemplo o fato de não existir hoje, em nosso país, nenhum símbolo indígena representando o Brasil, só a bandeira brasileira. “Mas essa bandeira não representa o indígena.”

## RITUAIS E BRINCADEIRAS: RESISTÊNCIA CULTURAL E ARMA DE LUTA POLÍTICA

O teatro dentro da aldeia é uma forma de luta e de preservação da cultura. Bainawá cita o **katxanawá**, que se dança na época dos legumes, ou em outra época onde acontece o **katchanauwa** das mulheres.

Ele afirma que não sabem fazer teatro, mas que sempre o fizeram. Como dramaturgo e diretor, ele se coloca apenas como um coordenador. Atuando como um professor bilíngue, ele ensina os textos e as histórias a serem encenadas tanto em português como em *hatxakui*. Outros dois professores são responsáveis pelas músicas e danças.

Sua participação no grupo Vivarte e sua vinda a São Paulo têm uma importância estratégica: ele pretende organizar melhor o

que estão fazendo e levar seus espetáculos e brincadeiras para outros públicos, utilizando o teatro como meio de comunicação e arma na luta a favor da questão indígena.

Seus espetáculos têm como objetivo contar a história dos povos passados, de como era a aldeia, de realizar através do teatro a transmissão da cultura indígena. Relembram nas suas peças o tempo passado, abordando temas relacionados às várias tentativas de dominação que os indígenas sofre-

ram que visavam torná-lo escravo. Contar como resistiram e, finalmente, como é a vida hoje.

Em maio de 2013 acontecerá um festival onde vão apresentar o espetáculo que narra como era a aldeia no passado. De como os velhos anciões tiveram contato com o branco e como o branco tratava o índio. Querem fazer isso como

teatro, valorizando as brincadeiras e a medicina como os pajés a conhecem.

E aqui se dá um aspecto importante ressaltado pela fala de Bainawá: a ligação da expressão teatral com outro aspecto da realidade que os indígenas enfrentam no dia a dia: a saúde.

## **A CONSTRUÇÃO DO VIVEIRO MEDICINAL, MOSTRANDO OS CURADORES E OS PAJÉS DENTRO DA CULTURA INDÍGENA**

Na área da saúde, o governo foi obrigado a fazer um plano de medicação a partir de um apanhado geral do que tinha na aldeia, complementando o que faltava. Mas o governo nunca enviou nada, acusa Bainawá. Por isso, ele reforça a importância de se manter a tradição da medicina da floresta. Sua aldeia está construindo um viveiro, um espaço de terra de aproximadamente 10 hectares, onde se cultiva todo tipo de plantas medicinais que são trazidas por eles da floresta. Quatro pajés são responsáveis por esse viveiro e já são oito pajés em formação, inclusive ele, para fortalecer cada vez mais a cultura *Huni kuin*.

Nosso bate papo é finalizado com a questão governamental e toda a dificuldade que os indígenas enfrentam. Como forma de preservação e defesa em relação ao desenvolvimento econômico que vem devorando a Amazônia, existem as reservas indígenas; as RESECS - Reserva Extrativista de Povos Tradicionais e as APAS - Áreas de Proteção Ambiental\*. Apesar disso, dentro de alguns RESECS já tem criação de gado, devido à pressão gananciosa, quando não assassina, dos pecuaristas.

Dentro das aldeias também existem os

agentes agrofloretais que lutam pela preservação da floresta e pela divulgação dos fatos e pelo desenvolvimento das comunidades. Tudo que as lideranças indígenas do passado fizeram está ameaçado por questões governamentais, como a PEC 215\* e a portaria 303\*.

Bainawá nos conta que os *Huni kuin* do médio Envira estão sofrendo, pois não têm muita produção. O branco está fazendo um desmatamento muito grande ao redor dessa terra e isso atrapalha a produção da aldeia. Já sua terra ainda não teve nenhum replantio.

**SAIBA MAIS**

**RAPÉ** - medicina tradicional da mata utilizada pelos pajés para fazer cura.

**O VIVARTE ESTÁ DENTRO DA APA** de São Francisco e que só tem 3% de área de floresta.

## Moção de repúdio dos Trabalhadores da Cultura à política do coturno em Pinheirinho

De um lado, pelo menos 1.600 famílias que lutam pelo direito de morar no bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), ocupação que tem oito anos de existência. Do outro, mais de 2.000 policiais militares e civis cumprindo ordens da Justiça Estadual e da Prefeitura de São José dos Campos, em favor da massa falida da empresa Selecta, pertencente ao megaespeculador Naji Nahas.

Ainda que não houvesse outras circunstâncias agravantes no caso, já seria possível constatar que as instâncias dos poderes executivo e judiciário fizeram a opção, em Pinheirinho, pela lei que protege a especulação imobiliária, em detrimento do direito das pessoas à moradia.

Vence mais uma vez a política do coturno em prol do capital. De um lado, bombas, armas, gases, helicópteros, tropa de choque. Do outro, dois revólveres apreendidos. Não há notícia de que tenham sido usados. Uma praça de guerra é instalada - numa batalha em que um exército ataca civil.

Não há plano de realocação das famílias. As que não conseguiram ou não quiseram fugir, ou receberam dinheiro para passagens para outras cidades, ou estão sendo mantidas cercadas, com comida racionada, como num campo de concentração. A imprensa não pode entrar no local, não pode fazer entrevistas, e os hospitais da região não podem informar sobre mortos e feridos. O que se quer esconder?

O Governo do Estado lavou as mãos diante do caso, assim como o Superior Tribunal de Justiça. O Governo Federal tardou em agir. A chamada “função social da propriedade”, prevista na Constitui-

ção Brasileira, revelou-se assim como peça de ficção, justamente onde a ficção não deveria ser permitida.

Mais uma vez, o Estado assume o papel de “testa de ferro” para as estripulias financeiras da “selecta” casta de milionários e bilionários. A política do coturno em prol do capital vem ganhando espaço. Assim está acontecendo na higienização do bairro da Luz, em São Paulo, preparando-o para a especulação imobiliária; assim vem acontecendo na repressão ao movimento estudantil na USP, minando a resistência à privatização do ensino; assim acontece no campo brasileiro há tanto tempo, em defesa do agronegócio. Os exemplos se multiplicam. E não nos parece fato isolado que, hoje, a quase totalidade dos subprefeitos da cidade de São Paulo seja formada por coronéis da reserva da PM.

Nós, trabalhadores artistas, expressamos nosso repúdio veemente a esse tipo de política. Mais 1.600 famílias estão nas ruas: a lei foi cumprida. Para quem?

### **ENTIDADES E MOVIMENTOS PARTICIPANTES**

Avoa Núcleo Artístico, Brava Cia. de Teatro, Cia. Buraco D’Oráculo, Cia. Antropofágica de Teatro, Cia Estável de Teatro, Cia. Ocamorana de Teatro, Grupo Teatral Parlendas, Cia. São Jorge de Variedades, Cooperativa Paulista de Teatro, Dolores Bocaaberta Mecatrônica, Estudo de Cena, Kiwi Companhia de Teatro, Movimento de Teatro de Rua, Movimento dos Trabalhadores da Cultura, Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo, Roda do Fomento, Trupe Olho da Rua, Santos/SP, Karina Martins, Núcleo do 184, Trupe Sinhá Zózima, A Jaca Est Grupo Redimunho de Teatro, Coletivo Núcleo 2, Juliana Rojas (Filme: Trabalhar Cansa)

Atuadoras

VÍDEO COM A LEITURA DA MOÇÃO DE REPÚDIO [ <http://bit.ly/zWxfN8> ]

## Manifesto unificado de apoio à luta do Assentamento Milton Santos

As organizações, entidades e coletivos abaixo assinados reafirmam a sua solidariedade à luta das 68 famílias do assentamento Milton Santos.

Neste momento, o desafio das famílias do município de Americana reflete a luta do conjunto da classe trabalhadora, que tem sofrido com os sucessivos ataques e perdas de direitos conquistados.

O mesmo Estado que atende às reivindicações da burguesia, desapropriando grandes áreas em favor de interesses privados, nega o direito à terra e à moradia, não só boicotando a reforma agrária no país, como fazendo retroceder conquistas históricas. Esse mesmo Estado engendra o genocídio nas periferias das grandes cidades, permitindo a ação impune de grupos de extermínio paramilitares.

A ofensiva ao Assentamento Milton Santos não ameaça apenas a vida das 68 famílias que correm o risco de perderem suas terras, casas, lavouras e anos de trabalho, ameaça também as conquistas e os direitos dos trabalhadores do campo e da cidade.

Na terça-feira, dia 15, foi entregue a notificação de despejo aos assentados, o que implicou um prazo de quinze dias para que se repita um massacre a exemplo do Pinheirinho, com consequências ainda piores, porque haverá resistência. E só há uma maneira de impedir essa tragédia: o Decreto de Desapropriação por Interesse Social do Sítio Boa Vista, que só depende da assinatura da Presidência da República.

Estamos alerta!

Dilma, assine já!

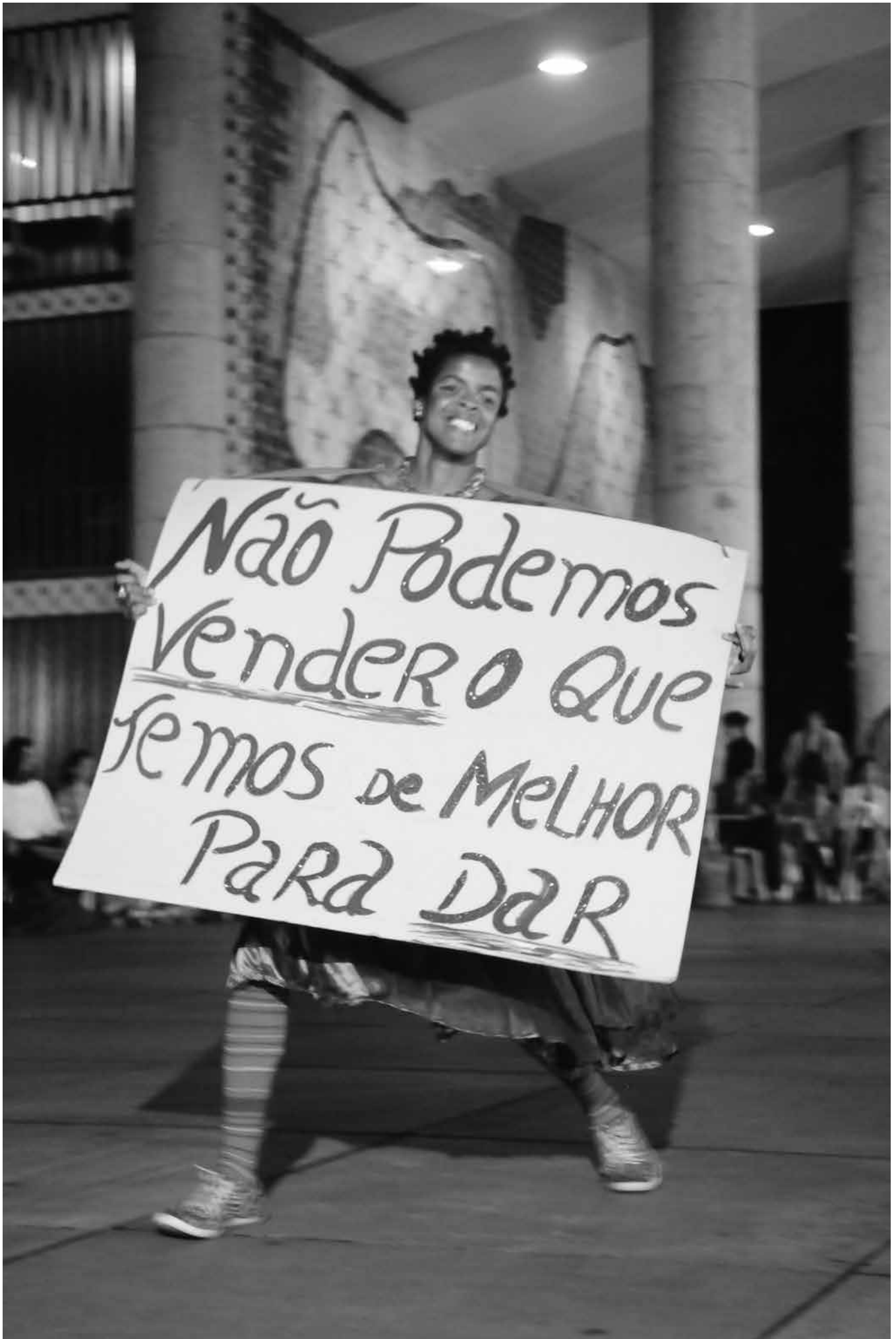
Apoiam esta luta:

Movimento Terra Livre, Sindicato dos Trabalhadores da USP, Rompendo Amarras, DCE Livre USP Alexandre Vannuchi Leme, Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal, Quilombo Raça e Classe, Fórum Popular da Saúde, Fábrica Ocupada Flaskô, Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), Coletivo Arma da Crítica, Núcleo Pastoral da Juventude, DCE da Unicamp, Rádio Livre Várzea, Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, Movimento Mães de Maio, Coletivo Ecosocialista Libertário – ECOSSOL-PSOL, Cordão da Mentira, Favela do Moinho, Coletivo Comboio, Coletivo Zagaia, Cooperativa Paulista de Teatro, Kiwi Cia. de Teatro, Coletivo da Albertina, Espaço Cultural Mané Garrincha, Coletivo de Gênero Violeta Parra.

Documento elaborado a partir da plenária com parceiros e aliados da luta do Assentamento Milton Santos, realizada no dia 16 de janeiro de 2013 no auditório da ocupação do INCRA.

\* Organizações, entidades e coletivos que estiveram presentes e cujos nomes, por ventura, não constam desta lista, por favor, enviem confirmação para [assentamentomiltontantos@gmail.com](mailto:assentamentomiltontantos@gmail.com)





Dia 27 de novembro de 2012, aconteceu no Rio de Janeiro com organização de Amir Haddad e do grupo *Tá na Rua* o *Seminário de Artes Públicas Ano Zero*, que fez a abertura do 7º Encontro do Iberescena, com respaldo da Funarte e do Governo Federal.

Para orientar as discussões do Seminário sobre Arte Pública, Amir escreveu um texto que *A Poética da Rua* registra parcialmente, mas que pode ser lido na íntegra no site [www.teatroderuacptr.com.br](http://www.teatroderuacptr.com.br).

## OBRA PÚBLICA

### I

Todas as artes são públicas, por sua própria natureza. Não produzimos arte para o nosso próprio consumo; a necessidade de compartilhamento está intimamente ligada a sua produção.

Arte é obra pública, feita por particulares. Arte é sempre obra pública. Não tem em sua natureza o desejo de manter-se oculta ou reservada para algum momento especial, nem o de ficar guardada esperando um bom preço de mercado.

Tudo o que produzimos, vindo de nossa sensibilidade, criatividade e fertilidade traz dentro de si o desejo de ser imediatamente compartilhado.

Só com a ascensão da burguesia mercantilista ao poder é que a arte passa a adquirir características de produto de consumo submetido às leis de mercado. Seu produto artístico será bom se tiver quem queira comprá-lo. No entanto, os quadros de Van Gogh nunca tiveram valor econômico enquanto ele viveu!!! Antes não valiam nada, e o pintor morreu na miséria. Não era “arte” o que produzia? Virou arte depois que adquiriu valor econômico?

Miguel Ângelo era um trabalhador braçal. Trabalhou duramente nos tetos e paredes da Capela Sistina, no Vaticano. Recebia dinhei-

ro pelo seu trabalho e não pelo valor artístico do que produzia. O seu trabalho criativo não tinha e não tem preço.

Como dizia Cacilda Becker: “Não posso dar a única coisa que tenho para vender: “o ingresso””. Todo o resto não tem preço e é oferecido gratuita e generosamente àqueles que se dispõem a compartilhar este momento intenso de criação, doação e generosidade. “Não me peçam para vender o que tenho de melhor para dar”, parece estar dizendo a grande atriz. Só paguem o ingresso, o resto é entrega e doação. É o ser humano no seu melhor momento, mais solidário e mais generoso. Nossa criatividade não é determinada pelo mercado (nem pode), mas por uma necessidade incontável de comunicar através de sinais às vezes claros, às vezes obscuros o que trazemos dentro de nós e queremos comunicar aos outros. Nada do que meu mundo interior produzir nesse sentido terá valor se não for compartilhado com outro ser humano, igual a mim e diferente de mim.

A natureza pública da produção artística é imperiosa e determinante, e sofremos quando não conseguimos obedecê-la. E, apesar disso, não a obedecemos. Nos tempos em que vivemos não há nada que possamos produzir através de nós mesmos que não possa ser vendido. Vendemos nossas próprias almas, por partes, aos pedaços.

O ser humano perde assim o sentimento generoso da doação e se transforma cada vez mais naquele que se preocupa mais em acumular do

que em distribuir. O mundo em que vivemos parece querer nos transformar na pior das criaturas, e das mais ferozes e egoístas da natureza.

A arte virou consumo e o ser humano uma máquina de produtos beneficiados para o mercado. Com toda a dor e a angústia que tamanho ataque à nossa natureza artística doadora e generosa pode provocar. Vendemos o que deveria ser doado, compartilhado, e sofremos com isso.

## A UTOPIA

### II

Todo artista traz dentro de si a ideia de Utopia. Mesmo aquele que nunca se preocupou com a questão e nem mesmo sabe o significado desta palavra, carrega dentro do peito esse sentimento. O sentimento artístico é um sentimento Utópico por sua própria natureza. Não há sentimento de produção artística que não inclua o outro. Ninguém produz para si mesmo, nem para egoticamente guardar seu produto expressivo para vendê-lo mais tarde a quem se digne a comprá-lo.

O artista é um doador universal.

É sangue tipo O do homem primitivo, antes que as atividades econômicas e a complexidade da vida social (terra, alimento, plantio, clima, movimentação, sedentarismo e etc.) tivessem diversificado sua composição sanguínea. O Tipo O é o sangue do doador universal. Uma metáfora da ancestralidade da entrega e da criação.

Foto de Ana Andrade



Seminário de Artes Públicas Ano Zero (2012).

## TEATRO DE RUA

## III

Nenhum artista do Teatro de rua está pensando em ganhar dinheiro quando vai para as ruas. Não é uma carreira segura, de colocação garantida no mercado. Vamos fazê-lo por absoluta necessidade de nos expressarmos publicamente em lugares também públicos.

E, apesar de não estar voltado para o mercado, é a modalidade teatral que mais cresceu no Brasil nos últimos anos; não é Teatro de vanguarda, não é experimentalismo, não é teatro do absurdo, não é multimídia. É Teatro de rua, e tem vida própria. Apesar de não ter dinheiro cresce intensamente, são dezenas de grupos e centenas de atores que se lançam a esta aventura de se oferecer gratuitamente em praça pública, sem esperar nenhuma recompensa além daquela que é oferecida àquelas pessoas que livremente se expressam em público, para uma plateia diversificada, heterogênea, sem distinção de nenhuma espécie: o prazer da entrega e da doação!

O teatro de rua é a mais antiga e a mais moderna forma de expressão, capaz de nos livrar da extrema crueldade do mercado consumidor das chamadas atividades artísticas. Nos remete à nossa ancestralidade, anterior ao Teatro que hoje conhecemos e nos encaminha em direção à contemporaneidade de uma forma de apresentação artística que ainda não conhecemos, mas que certamente nos abre caminhos e horizontes em direção a um mundo desconhecido, mas que queremos que seja melhor do que este que estamos vivendo.

O Teatro de rua abre perspectivas para um novo mundo de confraternização e encontro, fora dos limites constrangedores da atividade privada.

Por sua natureza generosa e abrangente e por sua história e ancestralidade é a modalidade que mais se aproxima de uma ideia de contemporaneidade.

Por ser de natureza pública (saúde pública, transporte público, banheiro público) e não se enquadrar nos padrões e critérios que regulam a atividade privada, o Teatro de rua está sendo tratado e estará sempre sendo tratado como uma manifestação cultural primitiva e precária e indigna, diante dos avanços e sutilezas das manifestações da chamada alta-cultura. E mesmo alguns grupos de Teatro de rua cometem o mesmo erro de avaliação desta atividade extremamente velha e extremamente nova, e vão buscar no celeiro cultural das artes privadas os recursos para a sua encenação pública. Uma linguagem que nem sempre o cidadão das ruas consegue entender, primeiro por nunca ter visto uma encenação do Teatro privatizado pela burguesia, ou então por não serem apropriados os recursos usados para uma encenação em espaços abertos, públicos e democratizados.

Mas o pior é a confusão que os órgãos públicos ou privados, fazem eles mesmos a respeito dessa questão, o que leva a um tratamento inadequado por parte desses órgãos dessas manifestações tão novas e ao mesmo tempo tão antigas, anteriores ao ordenamento das manifestações culturais feitas pela burguesia capitalista mercantilista.

Assim, sem a percepção do que pode estar embutido numa manifestação cultural pública dessa natureza o que sobra para seu fomento acaba sendo muito pouco, muito menos do que receberia qualquer atividade cultural privada mesmo que de qualidade, às vezes, muitas vezes, inferior.

# ARTE PÚBLICA

## IV

Diante do tamanho e do crescimento contínuo destas manifestações públicas, que vão ainda além de Teatro, como a música, a pintura, artes plásticas em geral, mímica e dança e outras atividades que se realizam rotineiramente nas ruas e espaços públicos da cidade, e da ausência de políticas públicas que contemplem esta importante atividade humana, é que sentimos fortemente a necessidade urgente da criação de políticas públicas para essas artes que, de agora em diante, passaremos a chamar de “Artes Públicas”.

Políticas que serviriam de complementação às políticas que já existem para estímulo e produção das artes privadas, que além de fomento para as suas atividades ainda têm a possibilidade de retorno financeiro pela venda de seus produtos.

Perderemos sempre na comparação com as artes privadas, ou com a cultura de mercado, que seleciona seu público pelo crivo da bilheteria ou outro tipo qualquer de venda.

São atividades diferentes sendo contempladas com o mesmo olhar.

As necessidades e perspectivas da Arte Pública são diferentes das necessidades e perspectivas da vida cultural privada.

O afunilamento da vida cultural privada e a despersonalização da cidadania nos grandes espetáculos públicos, geralmente musicais, produz reação de sobrevivência, de identidade e de necessidade de expressão livre do cidadão urbano, fazendo com que o ser humano multiplique suas atividades fora dos locais para isso determinado pelas ordenações vigentes. Com força de reação proporcional à pressão existente.

O fascismo é produção da natureza humana, uma doença. Mas sua cura é também produto de uma reação saudável do ser humano.

Desatualizadas, essas ordenações sociais urbanas precisam ser revistas para que coisas diferentes, sejam tratadas de maneira diferente. Investir nas artes públicas com políticas apropriadas para esse tipo de atuação e manifestação da cidadania é fazer um investimento em um outro futuro.

O funil do mercado mata a atividade artística e a transforma em produto supérfluo e quase que desnecessário no mundo em que vivemos, transformando a atividade cultural em entretenimento vazio e superficial, eliminando os focos de inquietação e reflexão necessários para o pleno desenvolvimento do ser humano e suas possibilidades de transformação. Função da arte.

Sem prejuízo do fomento que já se faz às atividades culturais que atendam ao mercado e sejam expostas ou vendidas em lugares adequados e preparados para isso, é preciso que se avance na ideia ou na conceituação de uma arte pública para que possamos criar para ela políticas públicas próprias.

Políticas públicas para as artes públicas é o tema central deste primeiro encontro nacional e internacional de artes públicas. Um horizonte e uma janela para se antever e começar a construir o futuro agora. Diferente do que está previsto ou ordenado de antemão.

Rio de Janeiro, novembro de 2012.

Foto de Vitor Pordeus.



## SEM CULTO À CULPA OCUPA DIONISE

**Vitor Pordeus**

Ator-médico-louco-ator-médico-louco...

Direto da ocupação criativa do Hotel da Loucura no centenário Hospício do Engenho de Dentro que completa seus seis primeiros meses seguindo os símbolos, as intuições e a ciência de Nise da Silveira, Baruch de Spinoza, Humberto Maturana, Paulo Freire e outros mestres.

“Chegue mais perto ator, atriz, companheiro, companheira, dia a dia.  
Venha logo homi, deixe de bobagem, a arte é nossa linguagem de tecer cidadania.”

**Ray Lima**

“O Homem feito em Laboratório acabou com o homem.  
Bem feito.

Livre da herança de sangue e de afeto desconhece a aliança do avô com seu neto.  
Pai macromolécula, mãe tubo de ensaio e *per omnia secula*, livre papagaio.”

**Carlos Drummond de Andrade,**  
fragmentos de *O Novo Homem*

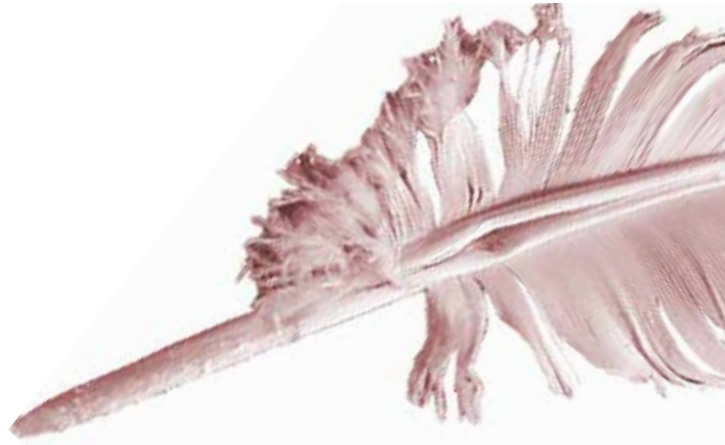
O fascismo das instituições totais assume sua face mais cruel com a psiquiatria cujos procedimentos incluem amarrar na cama, dopar e encarcerar a loucura coletiva que se manifesta entre aqueles indivíduos mais sensíveis e mais inteligentes de nossas gerações, avassalados por conteúdos divinos que se manifestam na violência de um surto psicótico.

Os infieis à natureza humana, os não-dionísios, os ímpios aos cultos ancestrais, iludidos pelo marketing das indústrias farmacêuticas-midiáticas-bélicas investem-se de toda a autoridade para violentar homens da subjetividade humana que, como todos nós, só querem ser reconhecidos, entendidos, amados, aceitos em uma sociedade com celebridades demais e humanidade de menos, onde o capitalismo manifesta-se nas relações humanas, na farinha pouca meu pirão primeiro de todo dia, na austeridade dos afetos, na sexualidade reprimida, nas emoções de repartição pública implantadas pela televisão, que usa o ego e o afeto de artistas irresponsáveis, egoístas e vaidosos para legitimar estratégias de marketing e consumo; os efeitos inconscientes da *mimesis*, conhecidos desde o antigo teatro grego e utilizados para dominar e disciplinar através da tragédia a opinião pública, que com o teatro televisivo da era da reprodutibilidade técnica virou o homem-massa, completamente acéfalo dominado pela sexualidade estereotipada e apelativa das celebridades produzindo um clima de apocalipse, onde o de cima sobe e o de baixo desce, desce, desce, até pirar e ser encarcerado num hospício e numa prisão, revelando a não aceitação, a exclusão da diferença, criando a ilusão neurótica que os violentos, os loucos, os marginais, os travestis, os moradores de rua, os viciados em drogas não são filhos de Deus, não são nossos irmãos de alma e, portanto, fazem parte de nós próprios. Quem nunca surtou? Quem nunca pirou?

“Saúde não se vende, loucura não se prende, quem tá doente é o sistema social” canta o poeta e ator frenético Dudu Pererê nas praças de utopia e república, no Rio de Janeiro.

Quando entendermos que ninguém adoecce sozinho, que o adoecimento é coletivo, apenas sua manifestação é individual, e denuncia contradições do nosso modo de viver, contrariando nossos desejos e necessidades naturais, e destruindo o meio ambiente para fazer enriquecer alguns psicopatas de sucesso, verdadeiros loucos perigosos, “os mais vis de todos os bandidos, os políticos corruptos lacaios das empresas nacionais e transnacionais” (B. Brecht) que pilha, reina, queima, atropela e manda na vida pública de nossas cidades-catástrofes de um país que não deu certo, mas há de dar certo.

Em nossa experiência no *Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde*, infiltrado na *Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro* graças à arte da política, a maior de todas as artes, construímos estratégias de política pública junto com Mata-Mosquitos rebeldes, que ousam a construção do Brasil no presente. Fundamos os Agentes Culturais de Saúde trabalhando em, atualmente, dez Escolas Populares de Saúde dentro de favelas através das Celebrações da Saúde e estratégias de educação construtivista-popular freireana usando a arte para tecer cidadania. E como funciona. No blog [nccsrio.blogspot.com](http://nccsrio.blogspot.com), temos mais de 450 publicações dos últimos quatro anos de trabalho. Em 2010, fundamos a Universidade Popular de Arte e Ciência, realizamos seu primeiro congresso em 2011, com 654 participantes inscritos e, em 2012, ocupamos o Hospício do Engenho de Dentro, construímos o Hotel da Loucura em nome da humanidade, da criatividade, da cooperação, da autogestão, da república, da recuperação do patrimônio público para liberar a loucura e disputar cabeça a cabeça, coração a coração os seres humanos que estão sendo devorados pela Grande Máquina das Drogas e dos Comerciais que devora a quase todos, triturando uma massa enorme de gente para conservar os meios de produção nas mãos dos poucos gulosos que querem tudo para si ou para os seus.



“O Louco carnaval chegou,  
e o povo afinal dançou,  
vamo acordar para a vida  
com vontade nada é difícil  
de mãos dadas sorriso aberto  
ocupando o hospício

Está louco! Disse o doutor  
Enlouqueca! Disse o poeta

Não há nada escrito na testa além do amor”

Amor. Amor. Amor. Amor. Amor.  
Vitor Nina e Jadiel Lima

“O que cura é afeto incondicional”  
“Cada louco é um artista, cada artista é um ser humano,  
cada ser humano é um universo”  
Nise da Silveira

“Peito aberto e afeto escancarado”  
Amir Haddad

“Ação Cultural para a Liberdade” livro-chave da obra de Paulo Freire.

E os resultados clínicos documentados surgem da potência dos seres humanos que por mais que violentados e oprimidos sempre são capazes de criar e recriar o mundo. A luz branca divina, que brilhe o sol, fagulha criadora em cada um de nós, sobrevive.





## **A LUZ DE NISE DA SILVEIRA, NOSSA GUIA E ORIENTADORA**

Emygdio de Barros, quando foi trazido para o ateliê de pintura nos primórdios do *Museu de Imagens do Inconsciente*, gerou desconforto na Dra. Nise da Silveira, pois o monitor Ernani Loback o fez sem autorização médica do serviço de internados do *Hospício do Engenho de Dentro*.

“- Por que você trouxe esse paciente Ernani? Vai causar mais problema do que já temos com a administração do hospital.”, perguntou Nise.

“- Percebi no canto do olho dele que queria vir também junto com os outros que têm autorização” respondeu Ernani.

“- Diante de uma resposta dessas, que não poderia ser dada por nenhum psicólogo, psiquiatra nem sábio de qualquer espécie, me calei. Ler no canto do olho de um esquizofrênico não é para qualquer um”, escreveu Nise muito depois do episódio.

De qualquer modo, a Doutora foi pedir autorização ao psiquiatra responsável pela enfermaria.

“Se quiser autorização eu dou. Mas não vai adiantar nada, Emygdio é um crônico muito degenerado, está há 23 anos internado, não vai fazer nada que presta” respondeu o psiquiatra.

O crônico muito degenerado pega o pincel e faz pinturas que o colocaram no panteão dos maiores pintores deste país atestado por Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

Onde estão os gênios do Brasil? Ou serão os gênios do Brasil os jogadores de futebol, as apresentadoras de programa infantil, os ricos psicopatas de sucesso?

O capitalismo está instalado nas relações humanas, na cultura, no dia a dia, na vida das comunidades e coletividades. É papel de todos aqueles que desejam trabalhar pelo ofício sagrado da cura refletir essa situação e criar diferente. Sem brigar, sem conflito, afirmar outros valores corporificados na ação, na organização do espaço, na restauração da ancestralidade, da identidade.

Anamnese, juntar a memória das comunidades através do teatro comunitário de rua, organizar o saber comunitário, promover intercâmbios, trocas, diálogos, entendimento, compreensão e inventar o Brasil.

O *Hotel da Loucura* é a sede da *Universidade Popular de Arte e Ciência do Brasil*, nascido dentro de um dos hospícios mais antigos de nosso país. Estamos de portas abertas, trabalhando todo dia, fazendo nosso melhor possível, em rede com tantos companheiros e mestres do Brasil que apoiam incondicionalmente essa utopia e essa mudança efetiva na política pública de saúde. Precisamos espalhar o movimento, promover diálogo, intercâmbios de metodologia, jeitos de fazer, discursos, ideias.

“Não aguento mais esse hospício, eu quero sair daqui, não aguento mais, quero viver lá fora e ver o mundo, ver as coisas e as pessoas” me diz uma de nossas Bacantes, encarcerada no *Engenho de Dentro* desde sua infância, depois que o teatro de rua passou a fazer parte de suas atividades no Hospital, rompendo a barreira do isolamento e exclusão cultural.

Evoé, DioNise-te!

Foto de Vítor Pordeus.



## CARTA DE JOÃO PESSOA

Vi uma grande máquina que passava por cima de tudo que existe na floresta. Os animais fugiam com o barulho dos motores; mulheres e crianças choravam; os homens entregavam suas vidas para defender suas famílias; mas a máquina passava por cima de tudo, arrancava as *árvores pelas raízes*. Depois *que ela passou, só restou escuridão*.

Entender o que vi, não foi difícil. Estamos em um momento muito delicado em nossa história, onde os valores estão em ter, possuir e lucrar a qualquer custo. Estão atropelando a Constituição! Estão devorando a Amazônia em grandes fatias, nas quais os recursos naturais são o recheio, a cobertura deste bolo é o sangue, o sofrimento é a música, e a vela é a floresta em chamas.

Juliano Espinhos, integrante do *Grupo Experimental de Teatro de Rua e Floresta VIVARTE – Rio Branco/Acre*.

A *Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR)*, criada em março de 2007 em Salvador/BA, é um espaço físico e virtual de organização horizontal, sem hierarquia, democrático e inclusivo. Todos os grupos de teatro, trabalhadores da arte, pesquisadores e pensadores envolvidos com o fazer artístico de rua, pertencentes à RBTR, podem e devem ser seus articuladores para, assim, ampliar e capilarizar, cada vez mais, reflexões e pensamentos, com encontros, movimentos e ações em suas localidades.

O intercâmbio da RBTR ocorre de forma presencial e virtual; entretanto, toda e qualquer deliberação dar-se-á nos encontros presenciais. Os seus articuladores realizarão, ao menos, dois encontros anuais de forma rotativa, de modo a contemplar e valorizar as diversidades de todas as regiões do país.

Articuladores e coletivos regionais de todos os Estados deverão organizar-se para garantir a sua participação nos encontros, e dar continuidade aos trabalhos iniciados nos Grupos de Trabalho (GTs), a saber: 1) Política e Ações estratégicas; 2) Pesquisa; 3) Colaboração artística; 4) Comunicação.

A Rede Brasileira de Teatro de Rua, reunida de 13 a 16 de setembro de 2012 no Galpão Usina de Artes, sede do Grupo de Teatro Quem Tem Boca é Pra Gritar, na cidade de João Pessoa/PB, em seu 11º Encontro reafirma sua missão de:

- Lutar por um mundo socialmente justo e igualitário que respeite as diversidades;
- Contribuir para o desenvolvimento das artes públicas de rua, possibilitando trocas de experiências artísticas e políticas entre os articuladores da Rede;

- Lutar por políticas públicas para as artes públicas, com investimento direto do Estado por meio de fundos públicos de cultura, estabelecidos em leis e com dotação orçamentária própria, através de chamamentos públicos, prêmios e processos transparentes, com comissões eleitas pela sociedade civil, garantindo assim o direito à produção e ao acesso aos bens culturais para todos os brasileiros;

- Lutar pelo livre uso e acesso aos espaços públicos abertos, garantindo a prática artística e respeitando as especificidades dos diversos segmentos das artes públicas, em acordo com o artigo 5º da Constituição Brasileira;

Os articuladores da RBTR, com o objetivo de construir políticas públicas culturais mais democráticas e inclusivas, defendem:

- A criação de leis de fomento para o teatro de rua, que assegurem produção, circulação, formação, trabalho continuado, registro e memória, manutenção, pesquisa, intercâmbio, vivência, mostras e encontros de teatro, levando-se em consideração as especificidades de cada região (por exemplo: a questão do “custo amazônico” que, embora tenha sido votada como prioridade na II Conferência Nacional de Cultura, continua sendo ignorada);

- O debate e a criação, junto ao poder público, de marcos legais para a plena utilização dos espaços públicos abertos (a exemplo da Lei do Artista de Rua, recentemente aprovada na cidade do Rio de Janeiro e do PL 1096/2011, que regulamenta as manifestações culturais de rua); bem como a extinção de todas e quaisquer repressões, cobranças de taxas e excessivas burocracias para as apresentações de trabalhadores da arte de rua;

- A ocupação prédios passíveis de serem considerados de utilidade pública e que não cumprem sua função social, transformando-os em sedes de grupos que desenvolvam ações continuadas;

- Que os editais federais sejam publicados no primeiro trimestre de cada ano, com maior aporte de verbas, e que estas sejam liberadas sem atrasos, respeitando-se os prazos estipulados pelo edital, bem como a divulgação de parecer técnico de todos os projetos avaliados pela comissão juntamente com a lista de contemplados e suplentes;

- Que os editais sejam estruturados de acordo com as realidades de cada Estado, para os quais sejam criadas comissões igualmente regionalizadas, indicadas pela RBTR e pelos movimentos artísticos organizados de cada região, bem como a criação de mecanismos de acompanhamento e assessoramento aos trabalhadores da arte e aos grupos fazedores das artes públicas de rua;

- A representatividade do teatro de rua nos colegiados setoriais e conselhos das instâncias municipais, estaduais e Federal;
- A aprovação e regulamentação imediata da PEC 150/03 (atual PEC 147), que vincula para a cultura, o mínimo de 2% do orçamento da União, 1,5% do orçamento dos estados e Distrito Federal e 1% do orçamento dos municípios;
- A criação de uma legislação de licitação e contratação específica para a cultura, uma vez que a lei 8.666/93 não contempla as singularidades da área cultural;
- A extinção da Lei Rouanet e de quaisquer mecanismos de financiamentos que utilizem a renúncia fiscal, rejeitando portanto, a sua reforma - o PROCULTURA - por compreendermos que a utilização da verba pública deve ocorrer por meio do financiamento direto do Estado, através de programas em formas de prêmios elaborados pelos segmentos organizados da sociedade;
- A inclusão, nas matrizes curriculares das instituições públicas de ensino de teatro a nível técnico e superior, de disciplinas voltadas especificamente para a cultura popular brasileira, o teatro de rua e o teatro da América Latina;
- O financiamento de publicações e estudos específicos sobre o teatro de rua e a cultura popular como meio de registro, valorização e respeito às suas formas e saberes, e a sua ampla distribuição.

Frente a um processo histórico que prima pela higienização e pela criminalização dos movimentos sociais, a RBTR apoia e defende as lutas e conquistas do Fórum de Teatro da Cidade de João Pessoa - PB.

O Teatro de Rua é símbolo de resistência artística, agente cultural comunicador e gerador de sentido, propositor de novas razões no uso dos espaços públicos abertos. Assim, reafirmamos o dia 27 de março - Dia Mundial do Teatro e Dia Nacional do Circo - como o dia de mobilização nacional de políticas públicas para as artes públicas, e conclamamos os trabalhadores das artes de rua e a população brasileira em geral a lutarem pelo direito à cultura e ao digno exercício de seu ofício.

Foi deliberado pelo conjunto dos articuladores presentes que os encontros da RBTR, em 2013, serão sediados nas cidades de Brasília/DF (fevereiro) e Rio Branco/AC (agosto).

*“A esperança é a última que morre e o ator é o penúltimo.  
Enquanto houver um ator, a esperança não morre.”*

**Amir Haddad**

**16 de setembro de 2012, João Pessoa, Paraíba.**

## BREVÍARIO

### MOSTRAS, FESTIVAIS E ENCONTROS 2012

#### JANEIRO

- **II Edição do Pelas Ruas da Cidade – Mostra Nacional de Circo Teatro de Rua - Rio de Janeiro/RJ - Janeiro a Agosto**

Realização: Grupo Off-Sina

Contato: <http://offsina.blogspot.com.br/>

- **FESTAC 2012 – Rio Branco/AC**

Realização: Fetac

Contato: <http://fetac.blogspot.com.br>

- **3ª Mostra de Teatro Olho da Rua – Santos/SP**

Realização: Trupe Olho da Rua

Contato: [trupeolhodarua.blogspot.com.br](http://trupeolhodarua.blogspot.com.br) - [trupeolhodarua@gmail.com](mailto:trupeolhodarua@gmail.com)

- **VI Festival dos Inhamuns: Circo, Bonecos e Artes de Rua – 2ª Etapa – Fortaleza/CE**

Realização: Cia. Plural de Artes Cênicas

Contatos: <http://teatroplural.blogspot.com.br/> - [teatroplural@gmail.com](mailto:teatroplural@gmail.com)

- **3ª Mostra Teatro de Rua de Jaguaribe – Jaguaribe/CE**

Realização: Associação Artística Dona Zefinha

#### FEVEREIRO

- **Cena Pública / Projeto Linha Vermelha – São Paulo/SP – Fevereiro a Março**

Realização: Cia. Do Miolo

Contato: <http://ciadomiolo.blogspot.com.br/> - [ciadomiolo@gmail.com](mailto:ciadomiolo@gmail.com)

- **Mostra Verão Cênico Teatro de Rua para Cidadania - Salvador/BA**

Realização: Movimento de Teatro de Rua da Bahia

Contato: [casadoteatroderuadabahia.blogspot.com.br](http://casadoteatroderuadabahia.blogspot.com.br) – [mtr\\_ba@yahoo.com.br](mailto:mtr_ba@yahoo.com.br)

## ABRIL

- **Quaquaquarauquá - 4ª Edição - Belo Horizonte, Mariana, Moeda e Casa Branca/ MG** – Abril a Junho

Realização: Cia Circunstância / Coletivo de Palhaços

Contato: <http://www.ciacircunstancia.com.br> - [ciacircunstancia@gmail.com](mailto:ciacircunstancia@gmail.com)

- **Circovolante – 4º Encontro de Palhaços - Mariana / MG**

Realização: Circovolante

Contato: <http://www.circovolante.com.br> – [contato@circovolante.com.br](mailto:contato@circovolante.com.br)

- **4º Festival de Teatro de Rua de Porto Alegre – Porto Alegre/RS**

Realização: CPTA (Centro de Pesquisa Teatral - Coordenador Alexandre Vargas) e da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre

Contato: <http://ftrpa.com.br> - [contato@ftrpa.com.br](mailto:contato@ftrpa.com.br)

## MAIO

- **Boa Praça – Rio de Janeiro/RJ – Maio a Novembro**

Realização: André Garcia, Leo Carnevale e Vinícius Longo

Contato: [boapraca@boapraca.art.br](mailto:boapraca@boapraca.art.br)

- **II Feira de Teatro de Rua de Sorocaba e Votorantim - Sorocaba e Votorantim/ SP**

Realização: Nativos Terra Rasgada

Contato: [www.nativosterrarasgada.com.br](http://www.nativosterrarasgada.com.br) - [nativos@nativosterrarasgada.com.br](mailto:nativos@nativosterrarasgada.com.br)

- **9ª Galhofada - Goiânia- GO**

Realização: artistas e produtores culturais de Goiânia e cidades vizinhas

Contato: <http://www.geppetocultural.com.br>

- **III Encontro de Mamulengo – São Paulo/SP – Maio a junho**

Realização: Mamulengo da Folia

Contato: [www.mamulengodafolia.com.br](http://www.mamulengodafolia.com.br) / 11.98155 6754

## JULHO

- **6ª Mostra de Teatro de Rua de Barueri – Barueri/SP – Julho a Agosto**

Realização: Secretaria de Cultura e Turismo

- **III Festival Nacional de Teatro de Rua de Afonso Cláudio - Afonso Cláudio/ES**

Realização: Sec Mun de Cultura e Turismo/Pref de Afonso Cláudio

Contato: [turismo@afonsoclaudio.es.gov.br](mailto:turismo@afonsoclaudio.es.gov.br)

- **IX Edição do Palhaço na Praça – Rio de Janeiro / RJ**

Realização: Grupo Off-Sina

Contato: <http://offsina.blogspot.com.br/>

- **IV Pantalhaços – Mostra de Palhaços da América do Sul - Mato Grosso do Sul/MS**

Realização: Circo do Mato

Contato: [circodomato@yahoo.com.br](mailto:circodomato@yahoo.com.br)

- **Amazônia Encena na Rua – Porto Velho/RO**

Realização: O Imaginário

Contato: [oimaginario@yahoo.com.br](mailto:oimaginario@yahoo.com.br) - [tapiri.oimaginario@gmail.com](mailto:tapiri.oimaginario@gmail.com)

• **IV Mostra de Teatro de Rua da Zona Norte - São Paulo/SP – Julho a Outubro**

Realização: Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo

Contato: pavanelli@nucleopavanelli.com.br

**AGOSTO**

• **2ª Mostra “Persistência e pé na Tábua” – Canoas/RS**

Realização: Grupo Teatro Ideia Ação (TIA)

Contato: tiateatro.br@gmail.com – tiateatro@pop.com.br

• **3ª Temporada do Chapéu / Teatro de Rua e Seminário Arena Aberta – Campo Grande/MS**

Realização: Teatro Imaginário Maracangalha

Contato: imaginariomarcangalha.blogspot.com.br – teatroimaginariomarcangalha@gmail.com

• **8ª Mostra de Referências Teatrais de Suzano – Suzano/SP**

Realização: Contadores de Mentira /Co-realização: Prefeitura de Suzano

Contato: <http://www.contadoresdementira.com.br>

• **Mostra Nacional de Teatro de Rua – Teresópolis/RJ**

Realização: Aldeia Cultural Casa Viva

Contato: <http://lickoturle.wix.com/aldeia-cultural-casa>

• **4ª Olimpíada e Mostra de Arte Circense e 3º Encontro de Malabaristas – Itapoá/SC**

Realização: Phábric Cultural

Contato: <http://www.phabrikacultural.com.br>

• **BR Clown – Manaus/AM**

Realização: H Produções – Cia. Cacos

Contato: <http://ciacacosdeteatro.blogspot.com.br>

**SETEMBRO**

• **FETAC em cena – Cruzeiro do Sul/AC**

Realização: Federação de Teatro do Acre

Contato: <http://fetac.blogspot.com.br>

• **Festival Teatro Mutirão / Ocupação Cultural – São Paulo/SP**

Realização: Dolores Boca Aberta Mecnatrônica de Arte

Contato: <http://doloresbocaaberta.blogspot.com.br/>

• **11º Encontro Nacional da Rede Brasileira de Teatro de Rua – João Pessoa/PB**

Realização: Rede Brasileira de Teatro de Rua na sede do Quem tem boca é prá gritar

• **2ª Edição Na Ponta do Nariz – Goiânia/GO**

Realização: Grupo de Teatro Bastet

Contato: [grupobastet@gmail.com](mailto:grupobastet@gmail.com)



## OUTUBRO

- **Festival Nacional de Teatro de Rua e Circo do Ceará – Ceará/CE**

Realização: Teatro de Caretas

Contato: teatrodecaretas@yahoo.com.br - <http://teatrodecaretas.blogspot.com.br/>

- **7º FESTCAL - Festival de Teatro de Campo Limpo - São Paulo/ SP**

Realização: Trupe Artemanha

Contato: [www.artemanhatrupeartemanha.wordpress.com](http://www.artemanhatrupeartemanha.wordpress.com) - producaoartemanha@gmail.com

- **VI Litoral Encena - Mostra Nacional de Teatro de Rua, Teatro de Bonecos e Circo Caraguatatuba – Caraguatatuba – Caraguatatuba/SP**

Realização: Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba

- **Encontro de Palhaças de Brasília – Bienal Internacional de Palhaças – Brasília/DF**

Realização: Manuela Castelo Branco

Contato: casteloembranco@gmail.com

- **VIII Festival Nacional de Teatro da Cidade de Vitória – Vitória/ES**

Realização: Prefeitura de Vitória

Contato: <http://blogs.vitoria.es.gov.br>

## NOVEMBRO

- **II Mostra Beijola de Teatro de Rua - São Paulo/SP**

Realização: Cia Humbalada

Contato: humbalada@terra.com.br - <http://ciahumbalada.blogspot.com.br/>

- **XVI ENTRAR - Encontro Nacional de Teatro de Rua de Angra dos Reis - Angra dos Reis/ Ilha Grande/ RJ**

Realização: Grupo Cutucurim

Contato: grupocutucurim@hotmail.com

- **5º Festival Paulista de Circo – Piracicaba/SP**

Realização: Governo do Estado e Secretaria de Cultura

- **VII Mostra de Teatro de Rua Lino Rojas – São Paulo/ SP**

Realização: Movimento de Teatro de Rua de São Paulo

Contato: <http://mtrsaopaulo.blogspot.com.br>

- **Fórum Latino Americano de Teatro Comunitário – Salvador/BA**

Realização: Rede Encena Salvador

Contato: redeencena@hotmail.com - <http://redeencenasalvador.wordpress.com>

- **Baixada Encena – Nova Iguaçu/RJ**

Realização: Rede Baixada Encena

Contato: <http://baixadaencena.blogspot.com.br/>

- **2º Festival Nacional de Palhaços RICATARINA – Florianópolis/SC**

Realização: Pé de Vento Teatro

Contato: contato@pedeventoteatro.com - <http://pedeventoteatro.blogspot.com.br>

- **3º Encontro Palhaços em Todo Lugar – Ribeirão Preto/SP**

Realização: Grupo Zibaldoni e SESC São Paulo

Contato: [anna.casanova@yahoo.com.br](mailto:anna.casanova@yahoo.com.br)

• **III Festival de Teatro Popular de Fortaleza – Fortaleza/CE**

Realização: Cia Prisma de Teatro

Contato: [ciaprismadeartes@gmail.com](mailto:ciaprismadeartes@gmail.com) - <http://festivalpopulardeteatro.com>

• **Mostra Fomento 10 anos**

Realização : Cooperativa Paulista de Teatro

**DEZEMBRO**

• **1º Festival de Circo Brasília - Brasília/DF**

Realização: Cia. Nós No Bambu

Contato: <http://nosnobambu.blogspot.com.br> - [nosnobambu@gmail.com](mailto:nosnobambu@gmail.com)

• **4º Fórum do Interior: Artes e Políticas Públicas – Santos/SP**

Realização: grupos, artistas, produtores e movimentos culturais organizados do interior, litoral e grande São Paulo

• **VII Mostra de Teatro de São Miguel Paulista - São Paulo/ SP**

Realização: Buraco d`Oráculo

Contato: (11) 98188-3670 / 98152-4483 / [www.buracodoraculo.com.br](http://www.buracodoraculo.com.br) / [www.buracodoraculo.blogspot.com](http://www.buracodoraculo.blogspot.com) / [buracodoraculo@yahoo.com.br](mailto:buracodoraculo@yahoo.com.br)

• **Tomada Urbana ato IV 2012 – Barra Mansa/RJ**

Realização: Sala Preta

Contato: [marcelobrv@gmail.com](mailto:marcelobrv@gmail.com)/[vivianesaar@gmail.com](mailto:vivianesaar@gmail.com)/[salapreta.wordpress.com](http://salapreta.wordpress.com)

• **VIII FestMar – Aracati/CE**

Realização: Instituto IACB

Contato: [www.aracupirapc.blogspot.com](http://www.aracupirapc.blogspot.com)

Estes dados foram coletados com base nos anos de 2011 e 2012, com o apoio dos grupos da Rede Brasileira de Teatro de Rua.

ESTREIAS

**Nome do Grupo:** Teatro Terceira Margem / Teatro de Artesania

**Nome do Espetáculo:** Uma Casa bem Assombrada

**Cidade de Estreia:** Cariacica (ES)

**Idade do grupo:** O Teatro Terceira Margem iniciou suas atividades em 2003, sendo registrado formalmente em 2008.

**Sinopse:** Espetáculo de circo e teatro de rua inspirado na prática “números de cortina” e no processo criativo “dramaturgia do encontro”. Integrantes do Teatro Terceira Margem/Teatro de Artesania e artistas convidados se reúnem para apresentar cenas e números de seus repertórios. Um dos roteiros apresentados é *Uma casa bem assombrada* que traz elementos do teatro, da arte de palhaços, habilidades circenses, música e poesia, compondo um espetáculo de riso, interações e surpresas.

**Contato:** (31) 3462-8907 - (31) 9997-6912

Blog [www.idearioarte.blogspot.com.br](http://www.idearioarte.blogspot.com.br)

Email [contatoterceiramargem@gmail.com](mailto:contatoterceiramargem@gmail.com)

**Nome do Grupo:** LAMIRA Companhia Cênica

**Nome do Espetáculo:** Do Repente

**Cidade de Estreia:** Palmas – Tocantins

**Idade do grupo:** 3 anos

**Sinopse:** *Do Repente* é um espetáculo cênico que mescla as linguagens do Teatro e da Dança, destinado à rua, cuja poética é elaborada em torno do universo do Romancista Popular do Nordeste brasileiro, nas figuras do poeta cantador, do coquista, do aboiador, do glosador, do cordelista, do calungueiro e da influência e presença dessa cultura na formação das “diversas culturas” brasileiras.

**Contato:** tel.: (63) 8405-3124 | (63) 8129-1369

Site: [www.lamira.com.br](http://www.lamira.com.br)

Facebook: [www.facebook.com/LamiraBR](http://www.facebook.com/LamiraBR)

**Nome do Grupo:** Grupo Mototóti

**Nome do Espetáculo:** Folia dos Reis

**Cidade de Estreia:** Gramado/RS (data de estreia: 02/11/2012)

**Idade do grupo:** 5 anos

**Sinopse:** Entoando um festivo Terno de Reis, pedindo licença para entrar em nossa casa, chegam os Três Reis que irão contar a história do nascimento do Deus Menino. Com uma dose de humor e muitas canções especialmente escolhidas, este Auto de Natal é um momento de celebrar a felicidade de se estar junto, como uma grande família, a cada apresentação! Assim como chegam, nossos Reis se despedem, cumprindo sua sina - de a outras praças encantar, levando sempre consigo a esperança e a alegria do verdadeiro espírito de Natal.

**Contato:** [www.motototi.com.br](http://www.motototi.com.br) / 51 35169648

**Nome do Grupo: Os Panthanas - Núcleo de Pathifarias Circenses**

**Nome do Espetáculo:** Uma palhaçada federal

**Cidade de Estreia:** Santos/SP

**Idade do grupo:** 8 anos

**Sinopse:** O espetáculo Uma Palhaçada Federal, conta a história de dois palhaços tradicionais circenses, que cansados com as dificuldades da vida artística, tentam encontrar outra forma de sobreviver. Fuxico, de olho nos altos salários e facilidades, convence Chevete que a melhor solução está na carreira política e decide se candidatar à Presidência da República. Nesta sátira, a trajetória da campanha é apresentada criticando os corruptos, a situação política do Brasil e evidenciando a função do artista na sociedade.

**Contato:** (13) 9714 33 57 email: ospanthanas@hotmail.com

**Blog:** www.ospanthanas.blogspot.com.br

**Nome do Grupo: Cia Arte Negus**

**Nome do Espetáculo:** Ambulante

**Cidade de Estreia:** Cuiabá – MT

**Idade do grupo:** 5 anos

**Sinopse:** Duas pessoas e a desafiadora rotina no desigual universo do “ganha e perde”. Um local onde apenas o mais esperto sobrevive, e para fazer isso – sobreviver – é preciso sonhar, ser criativo, se portar como um sujeito matreiro, como um cowboy, um monge e encantar cobras e dragões. “Figura” e “Ououou” são os dois interlocutores iniciais da apresentação.

**Contato:** Fone: (11) 3578-8161

Elaine Guarani (produtora): (11)7690-5252

contato@artenegus.com.br

www.artenegus.com.br

**Nome do Grupo: Grupo Glacê**

**Nome do Espetáculo:** Versidão

**Cidade de Estreia:** Guarulhos

**Idade do grupo:** 5 anos

**Sinopse:** *Versidão*: O que está para além de nossa visão. Somos uma parte, um inteiro, um estilhaço, um positivo, um negativo. Aquilo que não se dá conta, mas que está frente a nós, o tempo todo. Como o mito do Rei Édipo que busca a verdade, sem perceber que ele é parte da própria verdade. O resultado desta busca é *Versidão*.

**Contato:** (11) 98910-6906

**Nome do Grupo: Grupo Populacho**

**Nome do Espetáculo:** ba.bi.lô.nia. Com.pac.ta.da. - Paisagens de Desejos Sucumbidos e de Trabalhos Mediocres

**Cidade de Estreia:** Guarulhos - SP/

**Idade do grupo:** 10 anos

**Sinopse:** O espetáculo mostra um dia em um escritório e as consequências desse dia para uma faxineira que nele trabalha. Os fatos ali vistos por ela, associados com as interpretações que essa jovem trabalhadora faz sobre trechos bíblicos, fazem com que essa empregada veja o mundo atual como a concretização do mito Babilônia, como um mundo confuso e confusamente percebido no qual cada um de nós sucumbe ao dinheiro.

**Contato:** (11) 98319- 2349 ou (11) 96730-7732

<http://grupopopulacho.blogspot.com.br/> <http://gglace.blogspot.com.br/>

**Nome do Grupo:** RestaNóis Cia Livre de Teatro

**Nome do Espetáculo:** Conto de Fadas

**Cidade de Estreia:** Florianópolis – SC

**Idade do grupo:** 2 anos

**Sinopse:** “Quanto peso você acha que o cabelo pode suportar?” Sonhos, encantos, silêncio, desejos, mentiras e verdades respondem essa e outras perguntas. Num jogo constante entre a realidade de uma ditadura e o universo fantástico e trágico dos contos de fadas, *RestaNóis* propõe uma encenação repleta de fatos e esperança, uma releitura de um texto uruguaio em que se celebra, refletindo, a importância atemporal de se manter em luta.

**Contato:** 48 9926-4531

[www.restanois.blogspot.com.br](http://www.restanois.blogspot.com.br)

[restanois@gmail.com](mailto:restanois@gmail.com)

**Nome do Grupo:** Nóis de Teatro

**Nome do Espetáculo:** O Jardim das Flores de Plástico

**Cidade de Estreia:** Fortaleza-CE

**Idade do grupo:** 10 anos

**Sinopse:** Já dizia o poeta que “as flores de plástico não morrem”. Na vida real, a situação é mais cruel: há morte e há choro. Lágrimas que poderiam ser evitadas. *O Jardim das Flores de Plástico* surge como um grito alarmante do Nóis de Teatro à problemática atual do uso de armas e as suas consequências na vida de famílias inteiras que se veem assoladas.

**Contato:** Rua Barra Vermelha, 381 – Granja Portugal | 60.545-160 – Fortaleza – CE – Brasil

(85) 8720.1135 / 9920.1134

<http://noisdeteatro.blogspot.com.br/>

**Nome do Grupo:** Grupo De Teatro Universitário Da UFPA – GTrUA.

**Nome do Espetáculo:** A Paixão de Dionísio

**Cidade de Estreia:** Belém - PA

**Idade do grupo:** 5 anos

**Sinopse:** *A Paixão de Dionísio* conta de forma didática e descontraída a história do teatro ocidental desde os rituais até as paixões de cristo encenadas no Brasil hoje. O personagem Didi, vendedor de raspa-raspa, se apresenta como Dionísio, o Deus do Teatro, e encontra todos os dias duas garis, Maria e Jurandir, para quem insiste contar a história de sua vida.

**Contato:** 91- 8212-7668

<http://redeteatrodafloresta.ning.com/group/grupodeteatrouniversitariodaufpa>

**Nome do Grupo:** Núcleo de Rua do Grupo de Teatro Universitário da UFPA - GTrUA

**Nome do Espetáculo:** Pé na Tábua Até o Céu.

**Cidade de Estreia:** Belém - PA

**Idade do grupo:** 2 anos

**Sinopse:** O espetáculo conta a história do menino Longuinho, parido e crescido sobre as palafitas da Vila da Barca, em Belém do Pará. Costurado por músicas de letras com forte teor crítico sobre o universo do protagonista, *Pé na tábua até o céu* é um convite para o espectador adentrar, de modo reflexivo, em um mundo mágico, onde as dores do cotidiano de uma criança humilde podem e devem ser observadas por outro ponto de vista.

**Contato:** 91 8292 8567 | [gtu.ufpa@gmail.com](mailto:gtu.ufpa@gmail.com)

**Nome do Grupo: Dirigível Coletivo de Teatro**

**Nome do Espetáculo:** Sucata e Diamante

**Cidade de Estreia:** Belém - PA

**Idade do grupo:** 2 anos

**Sinopse:** Uma rádio ao ar livre convida os personagens da trama a contar a história de Aladim, jovem pobre nascido na periferia de Belém, que se mete em perigosas aventuras para realizar seus desejos. A visualidade foi criada a partir do reaproveitamento de materiais para enfatizar a fala que o espetáculo defende: “Toda sucata pode revelar-se um diamante”.

**Contato:** 091- 82127668

<http://www.facebook.com/coletivodirigivel>

**Nome do Grupo: Cia Goitacá Teatro de Animação de Barretos-SP**

**Nome do Espetáculo:** Ô de Casa!

**Cidade de Estreia:** Barretos-SP

**Idade do grupo:** 3 anos

**Sinopse:** Dona Maria é uma dedicada dona de casa que acredita cuidar bem de seu quintal. Mas o que ela não esperava era ter um indesejável inquilino convivendo ao seu lado. Assim como Dona Maria, muitas outras donas de casa não se conscientizam do perigo que a Dengue representa, acreditando estarem imunes ao problema que muitas vezes está mais perto do que imaginam.

**Contato:** (17) 9168-7236

[www.ciagoitacateatro.blogspot.com](http://www.ciagoitacateatro.blogspot.com)

**Nome do Grupo: Oigalê**

**Nome do Espetáculo:** O Baile dos Anastácio

**Cidade de Estreia:** Porto Alegre/ RS

**Idade do grupo:** 13 anos

**Sinopse:** O foco central da narrativa de *O Baile dos Anastácio* é o desejo de Riograndino Anastácio e sua esposa Minuana em casar a filha, Maria Pampiana, e buscam um pretendente cujos dotes impulsionem os negócios da família. Parábola sobre a devastação ambiental e os jogos de interesses em torno da terra, a peça utiliza como metáfora o casamento arranjado que ignora o desejo da mulher para apresentar personagens como Octávio Farroupilha, um gaúcho de boutique, que trabalha como advogado, mas não passa de um malandro com histórico de grilagem de terra. Ele disputa a mão de Maria Pampiana com outros candidatos, entre eles uma anarquista, um empresário e um político – todos apresentados como alegorias dos diferentes interesses em relação à utilização dos recursos naturais da terra.

**Contato:** 51 3228-7275

[oigale@oigale.com.br](mailto:oigale@oigale.com.br)

[www.oigale.com.br](http://www.oigale.com.br)

**Nome do Grupo: Mosca na Sopa**

**Nome do Espetáculo:** Mais Um...

**Cidade de Estreia:** Sorocaba/ SP

**Idade do grupo:** 2 anos

**Sinopse:** *Mais um...* narra a história dos homens e mulheres que partem do interior para as grandes metrópoles em busca da realização de seus sonhos, que acreditam que o paraíso é aquele lugar, mas ao chegar nessa terra encantada e estranha se deparam com monstros que tentarão a todo custo engoli-los em meio aos Gigantes prédios e a frenética vida que os ronda!

**Contato:** (15) 8809-0598 - Rodrigo Zanetti

**Nome do Grupo: GRUPO TEATRAL MANJERICÃO****Nome do Espetáculo:** João Pé-de-Chinelo**Cidade de Estreia:** Porto Alegre/ RS**Idade do grupo:** 15 ANOS

**Sinopse:** O espetáculo mostra o universo de João Pé-de-Chinelo, um catador que vive nas ruas, praças e parques com seu carrinho catando papelão e outros materiais recicláveis, na busca de sobrevivência e sustento da família. João é mais um trabalhador fruto do êxodo rural que procura reagir com dignidade diante das mazelas dos grandes centros urbanos. O personagem apresenta sua casa e família ao público, narra histórias e aventuras vividas e sonha com dias melhores.

**Contato:** (51) 8229-2509

manjericao@ymail.com

<http://grupoteatralmanjericao.blogspot.com/>**Nome do Grupo: Trupe Artemanha de investigação teatral****Nome do Espetáculo:** O Homem que virou Suco**Cidade de Estreia:** São Paulo - SP**Idade do grupo:** 17 Anos

**Sinopse:** Um homem que sai de sua terra, Vila Defunto no sertão cearense, percorrendo todos os possíveis lugares do imaginário popular, fazendo suas estripulias, bagunçando a ordem constituída, defendendo sua origem, caminhando com seus pés rachados pelas terras secas.

**Contato:** (11) 5844-4116 / (11) 99862-4821 (oi) / (11) 98326-6233 (tim) :: [www.artemanhatrupeartemanha.wordpress.com](http://www.artemanhatrupeartemanha.wordpress.com) :: [www.trupeartemanha.com.br](http://www.trupeartemanha.com.br)

**Nome do Grupo: Cia. de Teatro Madalenas****Nome do Espetáculo:** La Fábula**Cidade de Estreia:** Belém/PA**Idade do grupo:** 11anos

**Sinopse:** *La Fábula* é um mergulho no universo mágico presente em contos da literatura universal, se vale do mundo do “faz de conta” para envolver o espectador na trama. Os personagens de *La Fábula* são figuras conhecidas mundialmente como Dom Quixote e sua ingenuidade, Homem de Lata e o seu coração generoso, o intrigante Velho do Saco e uma Rainha Altiva, que reúne várias referências às rainhas dos contos de fada. Ela se alimenta de histórias, e terá sua fome aplacada por três súditos que exercerão a função de contadores de histórias.

**Contato:** (91) 3088-3103 e (91) 9152-7767

ciamadalenas.blogspot.com

**Nome do Grupo: Circo Teatro Capixaba****Nome do Espetáculo:** m'borayu**Cidade de Estreia:** Patrimônio da Penha, Serra do Caparaó - ES**Idade do grupo:** 10 anos

**Sinopse:** Os viajantes do tempo-espaço vem chegando de uma longa caminhada – *oguada porã* – em busca da Terra Sem Mal – *Yvy Mare'ý*. Até que chegam a *tekoa*, seu espaço sagrado. Os anciões da raça vermelha trazem dentro de seus balaios o fundamento do ser, a sabedoria dos movimentos do céu e os segredos das quatro estações cósmicas.

**Contato:** (28) 3551-1921

circocapixaba@gmail.com

[www.circoteatrocapixaba.blogspot.com](http://www.circoteatrocapixaba.blogspot.com)[www.facebook.com/CircoTeatroCapixaba](http://www.facebook.com/CircoTeatroCapixaba)

**Nome do Grupo: Mamulengo Sem Fronteiras**

**Nome do Espetáculo:** Baltazar no reino dos Mamulengos

**Cidade de Estreia:** Brasília/ DF

**Idade do grupo:** 14 anos

**Sinopse:** Embalados com uma trilha sonora ao vivo, Baltazar no Reino dos Mamulengos conta de uma forma divertida várias histórias da terra de São Saruê, um lugar onde os mamulengos criam vida e se transformam em heróis, guerreiros e amantes.

**Contato:** (61) 84257233 waltercedro@gmail.com

**Nome do Grupo: Mamulengo Sem Fronteiras**

**Nome do Espetáculo:** Exemplos de Bastião

**Cidade de Estreia:** Brasília/ DF

**Idade do grupo:** 14 anos

**Sinopse:** Baseado na literatura de cordel o Teatro de Mamulengo, onde a Música surge como elemento condutor, entrelaçando um curioso enredo, *Exemplos de Bastião* é um espetáculo que conta a história de um Palhaço de Fúlia de reis, que se mete em várias confusões com sua burrinha Relâmpago, Padre Simão sem cuidado, Capitão João Redondo e bichos do além. Tudo isso para conquistar a maravilhosa Rosinha do Bole Bole. Sempre trabalhando com comunicação direta e a participação voluntária do público, que é considerado como um elemento a mais no espetáculo, podendo interferir e até determinar novos rumos para a história. Cada apresentação é uma novidade, confirmando que, com maestria e graça, a arte é sempre uma grata surpresa, para crianças e adultos.

**Contato:** (61) 84257233 waltercedro@gmail.com

**Nome do Grupo: Cia. Estável de Teatro**

**Nome do Espetáculo:** A Exceção e a Regra

**Cidade de Estreia:** São Paulo/SP

**Idade do grupo:** 10 anos

**Sinopse:** Uma pequena caravana participa de uma corrida em direção à cidade de Uрга, a expedição que chegar primeiro, ganha como prêmio uma concessão para explorar petróleo. Durante a viagem é exposta a relação entre explorador e explorado, assim como os mecanismos que legitimam o abuso de um e a submissão do outro.

**Contato:** (11) 98121-6554 / 98249-8558 / 98567-8567

<http://www.territorioestavel.blogspot.com.br/>

**Nome do Grupo: Companhia Escarcéu de Teatro - Mossoró-RN**

**Nome do Espetáculo:** Ciganos

**Cidade de Estreia:** Mossoró/RN

**Idade do grupo:** 27 Anos

**Sinopse:** O espetáculo *Ciganos* é uma narrativa épica inspirado em mitos e lendas do povo cigano. O personagem Kali, recebe de sua mãe a missão de encontrar e trazer para o seu povo, a Estrela de Cinco Pontas, símbolo sagrado para cultura Cigana, para isso ele precisa ouvir o conselho dos homens mais velhos e seguir recomendações, que o ensinarão a percorrer o caminho que o levará ao seu destino final (Monte Anima), onde encontrará a estrela. Kali deverá superar diversos obstáculos e vencer desafios, que contribuirão para o seu amadurecimento pessoal. Em seu caminho até chegar ao Monte *Ânima: Encruzilhadas, Feiticeiro, sedutoras Ciganas, símbolos, ensinamentos, livre arbítrio e destino em conflito. Reencontros e partidas. Eterno recomeço, eterno caminhar rumo à liberdade.*

**Contato:** (84)8804-3016 / (84) 9815-8166

<http://escarceudetatro.blogspot.com.br/> - <http://escarceucultura.blogspot.com.br/>



**Nome do Grupo: Grupo Teatral Parlandas**

**Nome do Espetáculo:** Marruá

**Cidade de Estreia:** São Paulo/SP

**Idade do grupo:** 6 Anos

**Sinopse:** Quais são as linhas que demarcam um território? Que traçados determinam uma nação? O que nos torna povo de algum lugar? A pobreza respeita fronteiras? E a resistência? Marruá é uma expressão utilizada pelos peões do centro-oeste do Brasil, para designar um touro que se desgarrar do rebanho, fugindo para as matas e se tornando selvagem e bravo (alongado), pois passa da época de ser abatido. Como o bicho que rompe as cercas que lhe prendem, deixamos de ser mansos e nos afastamos do rebanho para enxergar de mais longe. O espetáculo foi criado a partir de narrativas de diferentes brasileiros, recolhidas pelo grupo nas cinco regiões do país, em territórios de resistência e luta como: quilombos, seringais, aldeias, vilas e assentamentos. Fragmentado em blocos, apresenta o nascimento, desenvolvimento, morte e ressurreição de uma comunidade em constante transformação.

**Contato: (telefones e blog) Tim**(11) 9-8083.3909 / Vivo (11) 9-7422.8011.

[www.grupoparlandas.com](http://www.grupoparlandas.com) - [producaoparlandas@gmail.com](mailto:producaoparlandas@gmail.com)

**Nome do Grupo: Grupo Nativos Terra Rasgada**

**Nome do Espetáculo:** Alegria: O auto do circo

**Cidade de Estreia:** Sorocaba/SP

**Idade do grupo:** 10 Anos

**Sinopse:** A peça narra a história do Circo Alegria, um pequeno circo, como tantos outros que existem e que passam pela grande dificuldade de lidar com os infortúnios da vida de artista. Após ter sua lona queimada "acidentalmente" pelo prefeito da cidade em que estava, o Circo Alegria perde tudo que havia construído, inclusive Berijela, o seu palhaço, que deixou aqui sua tão amada Bailarina. E após muitas lamentações, o palhaço é incumbido de voltar do seu descanso celestial com a notícia de que sua mulher espera um bebê palhaço, O Salvador da alegria, instaurando uma confusão ainda maior, pois ao saber que o filho do salvador vem ao mundo, o prefeito inicia uma grande caçada aos palhaços daquele lugar para acabar de vez com a arte.

**Contato: (15) 3032-0312 / (15) 8809-0598**

[www.nativosterrarasgada.com.br](http://www.nativosterrarasgada.com.br) - [contato@nativosterrarasgada.com.br](mailto:contato@nativosterrarasgada.com.br)

**Nome do Grupo: Pindaibanos - Porto Alegre/ RS**

**Nome do Espetáculo:** A Serpentina ou Meu Amigo Nelson

**Cidade de Estreia:** Porto Alegre/RS

**Idade do grupo:** 2 anos

**Sinopse:** A montagem de rua é inspirada na última peça de Nelson Rodrigues, *A Serpente*. Marcado pelo tom farsesco e tendo como referência o universo dos antigos carnavais, o trabalho busca experimentar uma linguagem diversa para contar a famosa história das irmãs Guida e Lígia: enquanto Guida é feliz com seu esposo, Lígia vive a decepção de um casamento infeliz. A fim de ajudar a irmã que pensa em morrer por ainda não conhecer o amor carnal, Guida lhe oferece o seu próprio marido para que passem uma noite juntos. Depois desse fato, numa noite de Carnaval, nada será como antes...

**Contato: (telefones e blog):** 51- 91140094 / 51 - 94859229 (Fabiana) / [contato.irisproducoes@gmail.com](mailto:contato.irisproducoes@gmail.com)

**Nome do grupo: Companhia Teatro dos Ventos**

**Nome do espetáculo: Máquinas paradas – COBRASMA 68**

**Cidade de estréia:**

**Idade do grupo:** 13 anos

**Sinopse:** máquinas paradas oferece um olhar sobre a organização da histórica greve de Osasco, em 1968, sobretudo do papel dos metalúrgicos da COBRASMA, epicentro desse processos.

**Contato:** <http://ciateatrodosventos.blogspot.com.br/>

**Nome do Grupo: GRUPO BAIÃO DE DOIS**

**Nome do Espetáculo:** SE ESSA RUA FOSSE MINHA

**Cidade de Estreia:** Manaus/ AM

**Idade do grupo:** 23 ANOS

**Sinopse:** O cotidiano do ponto de vista de uma mulher e palhaça.

**Contato:** (92) 8815-0416

## AGRADECIMENTOS

Adailton Alves, Alexandre Mate, Angélica Maria do Prado, Amir Haddad, Antonio Carlos Peixoto, Aurea Kapor, Augusto Brites, Bainawá, Calixto de Inhamuns, Cristiano Pena, Diego Miguel, Eder Kishimoto, Edson Cintra da Silva, Edson Paulo, Elton Maioli, Fernanda Azevedo, Fernando Neves, Fernando Mastrocolla, Graziela Monteiro, João Herculano, Juninho Cendro, Junio Santos, Kadu Cruz, Leandro Caldarelli, Luiz Carlos Checchia, Luiz Rosa, Marcos Brites Pavanelli, Marisabel Lessa, Mayara Rodrigues, M. Marry, Milton Filho, Nai Lopes, Osmar Felipe, Osvaldo Pinheiro, Paula Barros, Priscila Pamela, Ray Lima, Rodolfo Minari, Rodrigo Costrov, Romualdo Freitas, Rosa Rasuck, Selma Pavanelli, Solita Pavanelli, Suani Corrêia, Thais dos Reis Olher Lagoa, Taiguara B. de Oliveira, Talita Miranda, Tatiane Aragão, Teresa Brites, Valéria Lira, Vanéssia Gomes, Vitor Franco, Vitor Poeta e Vitor Pordeus.

Buraco d'Oráculo, Brava Companhia, Cia Antropofágica, Cia Estável de Teatro, Cia Humbalada, Cia Kiwi de Teatro, Cia Os Inventivos, Cia Teatral Parlandas, Cia dos Ventos, CICAS, CITA, Circo Teatro Capixaba, Circo Teatro Rosa dos Ventos, Circo Navegador, Coletivo Alma, Filhos da Dita, Grupo Experimental Vivarte, Instituto Pombas Urbanas, Os Panthanas de Pathifarias Circenses, Ponto de Cultura Quilombaque, Projeto Bazar, Sarau Poesia na Brasa e Teatro Imaginário Maracangalha

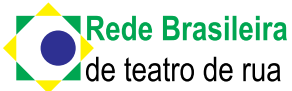
Associação dos moradores Cidade Nova São Miguel, AME Psiquiatria - Vila Maria, CRI Norte - Hospital do Mandaqui, Hospital Geral Santa Marcelina, Monte Azul, Restaurante Costa & Costa, Terraço Cultural e UBS Jardim Romano.



Realização



Parceria



Apoio



Contato:  
Simone Brites Pavanelli  
(11) 96563-9248  
pavanelli@nucleopavanelli.com.br  
www.nucleopavanelli.com.br

